

VOL. II

ABRIL E MAIO DE 1896

N.^{os} 4 E 5

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PRIMITIVA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

MILLIARIOS DO CONVENTUS BRACARAUGUSTANUS.

DOIS DENARIOS DA FAMÍLIA «DECIMIA».

ESTUDO SOBRE UM MACHADO DE PEDRA DO ALGARVE.

AS GRUTAS DE CASCAES.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.

BIBLIOGRAPHIA.

INSCRIPÇÕES ROMANAS DE MONCORVO.

EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».

ACQUIZIÇÕES DO MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS.

SALACIA.

ERRATA.

Este fascículo vae illustrado com 3 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

ABRIL E MAIO DE 1896

N.º 4 E 5

Millarios do Conventus bracaraugustanus

Do opusculo, com este título, publicado pouco tempo ha, trouxe-nos o n.º 4 da *Revista Critica de Historia y Litteratura*, de Madrid, uma nota apreciativa pelo sabio epigraphista Sr. Dr. Emilio Hübnér, que vem cerrar o cyclo de muitas outras da nossa imprensa periodica¹, cada qual mais lisongeira e bemquerente.

Por onde ao obscuro auctor d'aquella brochura corre o imperioso dever de a todos em publico testemunhar seu agradecimento por tão bisarra gentileza, — valioso incentivo e por certo o melhor para novas esforços, se o tempo que tudo gasta tivera poupado o vigor indispensavel a quem a taes empresas se resolve dedicar. Valerá assim mesmo como galardão, não do merito intrinseco da obra que nenhum tem nem podia ter, senão da boa vontade e recta intenção do auctor: remuneração mais que sufficiente de fadigas e dispendios de vária especie, que pois passaram nem já pesam, Deus louvado.

¹ *Correio Nacional*, 13 de Dezembro de 1895; *Palavra* (rev. Oliveira Guimarães), 29 de dezembro de 1895; *Aurora do Lima*, 30 de Dezembro de 1895; *Aurora do Cavado* (Dr. Rodrigo Velloso), 1 de Janeiro de 1896; *Instituto* (A. V.), Janeiro de 1896; *Gazeta do Minho* (Sr. José de Menezes), 4 de Janeiro de 1896; *Jornal de Vianna*, 25 de Janeiro de 1896; *Correspondencia do Norte* (Dr. José Machado), 25 e 29 de Janeiro de 1896; *Lima* (M. L.), 1 de Fevereiro de 1896; *Tarde*, 3 de Fevereiro de 1896; *Novo Mens. do C. de Jesus*, Fevereiro de 1896; *Voz de Santo Antonio*, 14 de Fevereiro de 1896; *Revista Contemporanea*, Fevereiro de 1896; *Revista de Educação e Ensino* (Sr. Ferreira Deusilado), Março e Abril de 1896; *Vida Moderna* (Dr. Martins Sarmento), 24 de Março de 1896.

Dizem-me que tambem o diario portuense *Voz Publica* dissera do estado, não logrei porém have-lo á mão.



Devo porém aqui uma referencia especial ao illustre epigraphista e douto professor berlinês o Sr. Dr. E. Hübner o qual, comquanto estrangeiro e sem nenhuma relação pessoal commigo, apesar da summa competencia na materia e talvez por isso mesmo, levou a sua amabilidade até se dignar indicar no pobre escripto algumas faltas de somenos importancia, deixando generosamente no escuro outras muitas que por ventura mais o sejam. Para corresponder pois á graça do exímio epigraphista, intento lançar aqui singelamente alguns dados elucidativos dos pontos notados, e de um que outro equivooco em que por ventura induzira a obscuridade, senão mesmo a incorrecção do meu texto.

A pag. 104, col. 1.^a, da referida *Revista Critica* diz em parenthesis o Sr. Dr. Hübner: «en algunos logares los miliarios fueron encontrados en tres millas consecutivas». Aqui deverá entender-se: miliarios dedicados ao mesmo imperador; que tratando-se de imperadores diversos, no Gerez conserva-se ainda hoje uma serie de sete milhas consecutivas desde a XXXI á XXXVII. (Cf. *Milliarios*, 62, 63, e addenda *in fine*).

Evidentemente aquella passagem foi suggerida pela segunda parte da nota 2, a pag. 26 dos *Milliarios*, referente a miliarios de um só imperador: «não tenho obtido maior serie que de tres consecutivos». E é unica: dos miliarios de Maximino a Maximo.

Na mesma pag., col. 2.^a, repara o Sr. Dr. Hübner: «Falta á esta narración del P. Capella, sobremanera util, una sola cosa, y es un mapa delineado por mano de un geografo perito». Assim é, e isto mesmo advertira o Sr. Dr. Martins Sarmiento em carta particular de 5 de Dezembro de 1895: «eu só lhe noto uma falta, e parece-me que lhe posso assim chamar — a de um mappa . . . indicando os sitios onde hoje se encontram os miliarios».

Annos ha que algo se tentou neste sentido, e aos bons officios do brioso e illustrado official do nosso exercito, Sr. Major B. Sesinando, devo o desenho cartographico na escala de $\frac{1}{20000}$ de uma zona ao longo da Geira, desde Braga até alem da Portella-do-Homem, sobre a qual intentei apontar a directriz da via romana com indicação dos miliarios, e para isso de novo pisei aquelle caminho.

Várias dificuldades porém me obrigaram a abandonar a empresa, entre outras a minha inaptidão technica, o ter de ampliar a outras *etias* de Braga o meu estudo, para o que não estava provido nem me era facil, de novo desenho, e sobre tudo aquella razão muito conhecida que obriga o capitão a entregar a praça...

Isto mesmo comprehendem com sua habitual penetração o Sr. Hübner, e exprimiu cortês e delicadamente nos seguintes termos: «Pero comprende perfectamente que los modestos recursos del P. Capella non le han permitido el lujo de un nuevo mapa, tan util y necesario como hubiera sido para entender bien la narración».

Sim, sem a *lei de meios* impossivel é governar a vida.

*

A pag. 105, col. 1.^a, continúa o Sr. Dr. Hübner: «Solo para mostrar-le lo completo de mi lectura de su libro voy á apuntar algunas equivocaciones ligeras. El genitivo IVLI, no IVLII, no está formado de un nominativo IVLVS, como opina a pág. 141, sino de IVLIVS. Hasta epoca muy baja, casi al tercer siglo, los nombres propios en *ius* formaran su genitivo en la antigua terminación contrahida en *i* en vez de *ii*».

Na citada pag. dos *Millarios* tinha saído: «a 1.^a linha porém traz a anomalia de um PI· por PII· Nos titulos de Maximino e Maximo como adeante veremos dá-se um caso analogo com IVLI· por IVLII· e ordinariamente. Parece porém que melhor se justifica esta forma, já que o nome primitivo fôra IVLVS como usa Virgilio».

Ao ler a delicada advertência logo me convenci de delicto philologico, a que não foi estranha a minha insciencia na materia, mais certa leviandade nativa de conserva com umas tennes reminiscencias virgilianas, que mais de uma vez me atraçoaram já. Assim mesmo, fallando no caso dias depois ao meu collega neste Lyceu, cathedratico de latim, respondeu-me incontinenti que a cousa era vulgar em Salustio, por ex.: nos nomes communs em *ius* e *ium*. E logo alli citou de memória varios exemplos em confirmação da doutrina do Sr. Hübner, que pelos modos é a de toda a gente que sabe d'isto.

Ha porém mais, se não melhor: num magnifico titulo epigraphico da melhor epocha (XXI tribunado de Augusto, 2 a. C.), ainda inédito e ha pouco descoberto pelo Sr. Albano Bellino, vemos nitidamente um genitivo *Paulli FABI Maximi* peremptorio a não mais.

Inteirado portanto; e quede-se por lá o menino IVLVS, que eu aqui dou as mãos á palmatoria.

Ibidem: «Lo mismo en la pág. 173: se requiere en el numero 47 renglon 6 MAXIMVS en lugar de MAXIMINVS y en renglon 12 TEMPORIS en lugar de TEMPORES».

Aqui peço licença para observar que de modo nenhum aceitei a forma TEMPORES, como da pag. seguinte (174 dos *Milliarios*) consta: «Na 13.^a (aliás 12.^a lin.) o segundo E de TEMPORES (que aliás ninguém conhece em latim), está alli no lugar do I primitivo». Safo assim porque, como os demais titulos, tive de dar este na integra *sicut jacet*.

Pelo que toca a MAXIMINVS em vez de MAXIMVS é bem verdade ter concedido o facto nas seguintes passagens: «Quanto a MAXIMINVS da 6.^a (linea) bem possível é assim ficasse desde o principio» (*Milliarios*, 174); e em a nota a pag. 167: «No milliario de Bretiandos vem (Maximus) com o nome de MAXIMINVS e alguns epigraphistas lh'o attribuem. Alem de merecer menor fé o titulo d'este milliario por haver soffrido retoque, alguns dos outros contradizem-no como adeante se verá».

Esta concessão *de facto* e mesmo assim dubitativa, baseava-se primeiramente na difficuldade de o renovador introduzir na palavra, sem a deformar, os elementos syllabicos IN; depois na possibilidade de assim ter sido dictada no *lápida* primitivo, por me occorrer então o que sobre o assumpto ouvira em tempo a pessoa de superior competencia e discrição. Por ella sou de novo informado de que num dos indices de Henzen á *Collecção das inscripções latinas selectas*, de Orellius, se allude a esta variante segundo o titulo 5526, com a nota de ha pouco haver sido verificada no monumento por Steiner, e assim melhor se apadrinhar a lição de Capitolino e Aurelio Victor.

D'estes o primeiro não o conheço; no segundo porém encontro effectivamente: *filiusque ejus pari nomine Caius Julius MAXIMINVS caesar factus est.* (*De caesaribus*, xxv).

Agora na questão de *direito* não tenho voto; assentirei assim mesmo á doutrina do Sr. Dr. Hübner não só porque é d'elle, como por a ter visto confirmada noutros titulos milliarios. Acresce em seu favor o testemunho de duas medalhas latinas, cunhadas no Oriente, uma na colonia romana de Pella, Macedonia; outra, na de Troas, Alexandria-Troas (*Ilium*). No anverso da primeira circunda o busto juvenil de Maximo a letra: IVL VERVVS MAXIMVS; no reverso, figura de mulher sentada com o distico COL IVL AVG PELLA.

No anverso da segunda, o mesmo busto com a legenda: IVL VE MAXIMVS; do outro lado, uma aguiá sobre a cabeça de um touro (Roma nas colonias), e a letra TRO COL AVG.

A serem authenticas, algum valor terão no pleito. Por minha parte inclino-me a acceitar o *facto* sem julgar do *direito*; accêito, porém, na *these* e a beneficio de inventario a lição MAXIMVS.

Ibidem: «En la pág. 154 hay DEADVMENIANVS en lugar de DIADVMEINIANVS, y PRNCI· en lugar de PRINCIPI· ¿O son estas faltas del original?».

Não; do meu original é que me parece que serão. Foi o caso que na cópia da pedra, colhida em vinte minutos escassos para não perder a *posta* de Chaves, saíram omissões que pude depois encher mediante os bons serviços de um cavalheiro da localidade, a quem fôra entregue um rascunho da epigraphie com as letras provavelmente omissas, escriptas a lapis azul, a ver o que havia ao certo. Entre essas letras ia a syllaba PI· da palavra PRINCIPI· Devolvendo o rascunho veio a resposta nestes termos: «A presente inscripção existente em um milliario de Villarandello está fielmente tirada e segundo a ordem por que está no marco. As letras a lapis azul estão todas perfeitamente legíveis na pedra, excepto a letra A da abreviatura AVG. da qual sómente se percebem os seguintes traços A. As restantes letras também estão todas legíveis no marco, excepto uma na palavra MAC-INO que provavelmente era a letra R, mas d'esta não existe vestigio algum. Ha dois pontos no fim das palavras da 4.^a linha, um para cada palavra. Creio poder-se prestar confiança a esta nota, pois foi feito o estudo do marco milliario com todo o rigor possível».

O mesmo rigor não houve infelizmente na minha transcripção, pois não sei por que artes me passou pela malha ou antes não foi apanhada a tal syllaba PI·

Quanto ao E por I de DIADVMEINIANVS é possível escape ao sollicito revisor, não só porque na gravura lapidária de certa epocha nem sempre é facil distingui-las, como por não ter sido notada a lapis azul como as outras. Para estes dois pontos de novo chamei a attenção do consciencioso informador de Villarandello; até hoje, porém, não obtive resposta¹. Cuido, portanto, que a melhor lição até

¹ Responde em 23 de Maio confirmando a lição do Sr. L. de Vasconcellos. —
(Nota P. S.)



agora será a do Sr. Leite de Vasconcellos n-*O Archeologo*, I, 118, tirante a nitidez das supracitadas letras A e R mais ou menos gastas na pedra, e por ventura a localização no fim da 4.^a linha da primeira syllaba de NOBILISSIMO.

E ahí está como a economia de tempo é ás vezes muito pouco economica.

Ibidem: «Apesar de que el P. Capella afirma en la pág. 176 haber leído en las mismas piedras como nombre del legado de los emperadores Maximino y Maximo repetidas veces Quinto Decio Valerino en lugar de Valeriano, sigo dudando de esta forma imposible, cuyos ejemplos no se han visto en ningun texto antiguo aparte de estos miliarios. Es facil que la N haya contenido una linea transversal, para significar *an*, y que esta haya escapado aún á los ojos de lince del P. Capella».

Talvez, talvez. Bem que na filiação onomastica VALERINVS de *Valerius*, se algo vale a analogia com ANTONINVS de *Antonius*, CONSTANTINVS de *Constantius* etc., não tope grande embaraço a minha rusticidade philologica, e por outro lado o argumento negativo de «falta de outros exemplos» não pareça decisivo na questão, tamanho é para mim o peso da auctoridade do sabio epigraphista, que de boamente subscreeva *em these* á condemnação da tal «forma impossível». Agora *na hypothese* ou seja na questão do facto, unica da minha alçada, para não repetir o que dito foi a pag. 179 dos *Miliarios*, apenas lembrarei que por mais de uma vez quis encontrar na pedra o traço horizontal de N e não no logrei. Possivel que seja por culpa dos meus olhos, conquanto de lince como graciosamente m'os concede o douto epigraphista, mas afinal cada um vê com os seus e outro remedio não ha. Assim resta me apenas convidar a que *vejam*, não o illustre sabio que tão longe reside de nós e occupado em trabalhos de maior tomo, mas qualquer curioso que o deseje: *veni, et vide*¹.

Neste ponto confessarei que mais me agradaria ver explicado o porque só nestes miliarios do Gerez hão de apparecer titulos de

¹ Desde as Caldas do Gerez por caminho seguro e batido através de formosissima paisagem, vae-se a cavallo em duas horas á Portella-do-Homen, e d'ahi regressando pela Geira (VIA NOVA), visitam-se os quatro miliarios em questão.

Maximino e Máximo com o tal appendice de *Valerino* ou *Valeriano*, e cercados da conhecida fórmula: *vias et pontes temporis vetustate collapsos restituerunt*. Dir-se-ia que porque nesta estrada elles não tiveram que reparar pontes nem caminhos; isso porém sobre não resolver inteiramente o problema, tem contra si os dizeres dos millarios 4853 e 4858 (*I. H. L.*, 645, 646), da mesma estrada lá pelas alturas da *Limia*, nos quaes se volta ao antigo e commun estylo. Alem de que neste mesmo estylo deu Argote o millario 4816, milha xxxii, Volta de Covo, Gerez, que aliás agora não apparece tal qual¹.

Para este ponto ouso chamar a critica superior e vastissima erudição do sabio mestre.

•

Ibidem: «En la pág. 111 dice no haber encontrado un miliario en mi obra, mientras pocas lineas más arriba cita el numero 6226 que le he dado».

Aqui temos apenas um ligeiro equivoco, por ventura resultante da menos clareza do meu texto: «Este titulo que não encontro na compilação de Hübner, etc.». Pela palavra *compilação* queria eu designar sómente o 2.º vol. do *Corpus* (*I. H. L.*), — *Inscriptiones Hispaniae Latinae*; não o *Supplementum* á mesma obra, pois nas linhas immediatamente anteriores tinha eu escripto: «d'onde passaram (esta e outras inscripções) por offerta (do Sr. Dr. Sarmiento) ao *Suppl.* do *C. I. H. L.*², do Sr. E. Hübner».

Tal interpretação me parece poder-se deprehender de segunda leitura da referida pagina dos *Millarios*.

Este ligeiro apontado dos defeitos do meu ensaio cerra o Sr. Dr. Emilio Hübner com uma observação em tanta maneira generosa e fidalga, que appetee á gente dar-se parabens por ter errado:

«Pero son estos errores de muy poca importancia y de la especie á que estamos expuestos todos los autores de libros de algun bulto».

¹ Cfr. *I. H. L.*, 642; — *Millarios*, 176-177.

² Aproveito a occasião para corrigir as citações que no meu opusculo faço d'esta obra sob o indice *C. I. H. L.*, que traduzia mentalmente *Corpus Inscriptionum Hispaniae Latinarum*, devendo ler simplesmente *I. H. L.*, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, fazendo aliás parte do *Corpus*. Só tarde dei pelo equivoco e entendi não valer a pena corrigir na minha publicação. Vai agora: antes tarde que nunca.

Caso seria de passar para aqui, quando licito fôra, aquella palavra de tão alto sentido: *o felix culpa!*

Concluo beijando as mãos do sabio mestre e perfeito cavalheiro, com os protestos da minha rendida veneração e vivo reconhecimento.

Vianna do Castello, 21 de maio de 1896.

M. CAPELLA.

Dois denarios da familia «Decimia»

Nas *Monnaies de la République Romaine*, de E. Babelon, t, 453, descreve-se assim o R. do unico denario por elle e outros AA. attribuido á familia Decimia:

«R. FLAVS · ROMA (*Flavus · Roma*). Diane dans un bige au galop à droite, tenant dans sa main un fouet dont la mèche est roulée autour du manche».

Cohen, *Médailles consulaires*, Paris 1857, pag. 122, faz uma descripção semelhante.

Ora, no Gabinete numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa, existem duas medalhas que variam do exemplar descripto. Uma das differenças é muito pequena; a outra é mais importante.

Eis aqui o desenho de uma das moedas, a menos importante:



O anverso, — cabeça da deusa Roma, de brincos e capacete alado, voltada á direita, e tendo do lado da nuca a marquilha X—, não differo do da moeda descrita pelos AA. franceses. O R. varia, porém, pois vê-se sobre a cabeça de Diana a meia-lua, que muitas vezes

a acompanha; além d'isso as letras são claramente pontuadas. O mais provavel é que o exemplar da Bibliotheca Nacional não constitua propriamente variante, e que apenas os exemplares de que aquelles AA. se serviram estivessem gastos, parecendo por isso faltar o crescente; em todo o caso, aqui deixo este esclarecimento¹. O Sr. Ferreira Braga possui na sua collecção monetaria um exemplar em tudo semelhante ao da Bibliotheca Nacional, — no crescente, e no pontuado das letras.

•

Aqui dou agora o desenho do segundo exemplar da Bibliotheca Nacional:



O anverso não differe do do exemplar antecedente. O R. differe, porque, em lugar de se ver na biga a figura de Diana, vê-se a figura da Victoria, que provavelmente teve na mão alguma cousa, talvez um chicote. O typo da biga da Victoria é não só muito frequente nas moedas da Republica Romana, mas muito semelhante ao da biga de Diana. Julguei, porém, dever indicar aos especialistas o exemplar da Bibliotheca Nacional, se é que em alguma obra ou revista, de mim desconhecidas, não vem já descrito algum exemplar analogo. Tomei para termo de comparação as obras dos Srs. Cohen e Babelon, por serem as mais consultadas e mais ricas de informações, sobretudo a do último.

J. L. DE V.

¹ O Sr. Babelon compara o denario de Flavius com o de L. Furius Purpureo e o de A. Sparilius; no reverso do primeiro ha effectivamente o crescente, que o Sr. Babelon indica na descripção; no do segundo não se vê o crescente, embora o Sr. Babelon o mencione no texto. O exemplar que serviu para o desenho da última foi evidentemente o mesmo que Cohen utilizou; mas este, na descripção, não falla do crescente.

Estudo sobre um machado de pedra do Algarve

O reverendo Antonio José Nunes da Gloria, prior de Bensafrim, cavalheiro já muito conhecido pelos trabalhos que illustram a obra de Estacio da Veiga, enviou-nos em fins de 1895 a parte inferior d'um machado de pedra, encontrada em terreno que possui na sua freguesia, que nos parece muito interessante. É de schisto (?) polido, indicando a fôrma trapezoidal, com secção quadrangular e gume convexo; typo muito commum no concelho da Figueira. Mede o fragmento no comprimento 0,073, na largura junto ao gume e na sua maxima espessura 0,025.

Nas duas faces maiores e em uma das menores a peça apresenta um certo espaço, em toda a largura d'aquellas superficies, completamente guarnecido de pequenas cavidades circulares. Nas faces maiores estas cavidades começam a 0,015 aproximadamente do gume e estendem-se até 0,045. Na face menor começam junto ao gume e estendem-se até 0,025.

Neste último lado acham-se dispostas do modo seguinte: numa linha superior tres cavidades completas, formando no seu conjuncto uma curva com a concavidade voltada para o gume; na linha immediatamente inferior outras tres cavidades formando uma curva semelhante, mas estando as duas das extremidades um pouco cercadas pelo desbaste que a peça soffreu para se refazer o gume; em outra linha immediata restos de tres cavidades indicando uma disposição analoga; e por debaixo de tudo, junto ao gume, uma só cavidade cercada pelo trabalho da reparação indicada. Os alinhamentos das superiores com as inferiores são tambem em curva.

Nas faces maiores os seus alinhamentos em sentido transversal são ondulados, e não rectilíneos ou formando curvas simples; mas no sentido longitudinal parecem formar pela maior parte curvas simples, com a concavidade voltada para a direita do observador, e obliquando da esquerda para este lado. Algumas foram destruidas por fracturas, ficando vestígios d'uma parte d'ellas; e outras acham-se obliteradas pelo desbaste da peça para formar o gume.

O numero total d'estas cavidades completas ou de que restam vestígios ascende a 76. Ora são contiguas, ora afastadas entre si 0,001 a 0,003. A sua fôrma é aproximadamente hemispherica ou conica; e nas que parecem completas o diametro da borda varia de 0,003 a 0,005, e a maxima profundidade entre 0,002 e 0,003. Em quasi todos vêem-se distinctamente as estrias circulares produzidas pelo trabalho da perfuração.

Algumas cavidades são singelas; mas muitas são *duplas*, isto é, formadas por uma excavação concava, no fundo da qual se abriu outra excavação de menor diametro, mas ás vezes mais profunda; e exemplares ha em que reconhecemos vestigios de tres. Isto parece demonstrar que para a mesma perfuração se empregaram muitas vezes instrumentos de calibres diversos: e é provavelmente d'este facto que resultou a fórma conica de algumas. O mais notavel ainda é que muitas apresentam ao meio do fundo uma pequenina saliência circular, que devia corresponder a qualquer cavidade que existisse na ponta do instrumento perforante.

Emfim, o menor lado do machado onde não existem estas cavidades, é precisamente aquelle em que apparece a superficie bruta da rocha, que o trabalho da polidura não chegou a desbastar completamente.

Não temos noticia de outro machado de pedra em semelhantes condições. O que se tem encontrado é apenas a hacha com um orificio da suspensão do lado do topo. No proprio Algarve, d'onde proveiu a peça, o reverendo Gloria, que tem colligido centenaes de machados, nunca encontrou exemplar igual. É, pois, uma novidade para nós, que valerá a pena estudar.

*

Tres questões suscita o exame d'este objecto, a saber:

1.^a—As gravuras já existiam nelle quando foi usado como instrumento cortante, ou serão obra posterior, para dar ao objecto outro destino?

2.^a—Qual foi o processo empregado para brocar a rocha?

3.^a—Qual o destino de taes gravuras?

A primeira parece resolver-se sem grande difficuldade. Numa das faces maiores existem fracturas com o mesmo aspecto de antiguidade que se nota na que causou a perda da parte superior do machado; e essas fracturas cercceavam algumas cavidades, do que restam vestigios manifestos: o que indica que estas existiam anteriormente á inutilização do instrumento. Por outro lado é fóra de duvida que o gume foi refeito, em consequencia de fracturas de que tambem restam vestigios; e a polidura do novo gume cercceou consideravelmente muitas das cavidades que estão mais proximas d'elle. Ora se a obra de um novo gume levou parte das gravuras, é claro que estas já existiam no objecto, e que com ellas era esta applicada nos seus misteres usuaes.

A segunda questão é mais embaraçosa. Tres processos principaes de perfuração têm sido apresentados para explicar os orificios

abertos nas rochas pelo homem neolítico, a saber: o emprêgo de simples punções de sílex, operando a *meia rotação*, quanto permite o movimento do punho; e de uma haste massiça de osso ou de madeira, operando perpendicularmente por movimentos de rotação completa entre as mãos, com o auxilio de areia e agua postas entre a bróca e a rocha; e um tubo de osso ou de canna, applicado do mesmo modo que a haste massiça.

A dois d'estes processos já alludimos nas «Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira», para explicar alguns objectos; mas appareceu-nos ultimamente uma peça perfurada por outro systema, que se afasta de todos os que ficam mencionados, e que será indicado na continuação d'aquella obra. Para a hypothese de que tratamos não tem interesse.

O sr. Gabriel de Mortillet explica a segunda e terceira nestes termos:

«Le plus grossier de ces procédés consiste à faire tourner un corps pointu sur le point qu'on veut percer en interposant constamment entre ce corps et la pierre de sable fin et de l'eau. Le corps qu'on fait tourner n'a pas besoin d'être dur, ce peut être un simple morceau de bois... Pour commencer l'opération on prépare au point désigné un petit godet par percussion... On l'a simplifié en employant, au lieu d'un appareil rotteur plein, un appareil vide à l'intérieur comme un jonc ou un os creux. On n'a plus eu alors qu'à creuser un anneau; il reste à l'intérieur du tube un noyau de la roche, qui, à la fin de l'opération, se détache et donne de prime saut un trou de la grandeur voulue¹.»

Com relação ao primeiro processo o sr. N. Joly, citando os factos de Eduardo Lartet ter conseguido perfurações iguaes ás das fendas das agulhas de osso quartenarias, empregando um punção ou furador de sílex, e de John Evans, pelo mesmo meio, ter perfurado madeira e chifre de veados, applica este systema até na perfuração das rochas, baseando-se em varias descobertas archeologicas: «Ainsi donc, diz elle, à l'aide d'un foret en sílex appliqué successivement sur les deux faces opposées d'une hache en pierre dure (*diorite, jade, serpentine*,) et en faisant exécuter au foret des mouvements de demi-tour en rapport avec ceux du poignet, on arrive à obtenir deux trous coniques dont les sommets se rencontrent». Referindo-se ao terceiro processo, como explicação das saliencias cylindricas que apparecem no meio de ori-

¹ *Le Préhistorique*, pag. 550.

fícios circulares de certas hachas, que não foram concluídas, cita as experiências do dr. Keller e de John Evans, que empregaram aquelle processo com um pedaço de chifre de boi e um tubo de sabugueiro; mas não julga a explicação satisfactoria, porque nas experiencias de Evans a areia accumulava-se no canal medular do tubo de sabugueiro e atacava o topo do cylindro central¹.

Examinando detidamente o exemplar de que tratamos, parece-nos evidente que não foi empregado o primeiro processo; porque as proprias cavidades que apresentam uma fôrma conica, não terminam em ponta ou angulo agudo. A sua configuração é a d'um cone truncado que parece ter resultado do emprêgo successivo de brocas de menor calibre, e não da applicação de um unico instrumento.

É muito duvidoso para nós se teria sido empregado o terceiro processo. Por um lado a saliencia central no fundo de muitas cavidades pôde indicar a applicação de algum pequeno osso de animal, cujo canal medular desse causa á sua formação; mas por outro lado é certo que o mesmo resultado se obteria com uma haste massiça, em que a extremidade destinada a operar tivesse uma pequenina cavidade no centro, para reter a areia. Além d'isto, aquelle processo é lembrado para as grandes perfurações das hachas ou das cabeças de moça, em que evita o longo trabalho do desbaste de toda a massa rochosa que devia dar lugar ao largo orificio; mas em cavidades cujo diametro maxime é de 0^m,005 e a profundidade de 0^m,003, não seria preciso recorrer a semelhante meio, porque a porção da rocha que se pouparia, era muito insignificante.

Só o segundo processo parece explicar sufficientemente as gravuras que estudamos, se admittirmos que a ponta espessa e convexa da broca tinha no meio a cavidade a que alludimos. Nada semelhante ao trabalho preparatorio, por percussão, indicada pelo sr. Mortillet: o instrumento perfurante parece ter operado immediatamente na superficie polida da hacha. Se ha alguma coisa parecida com o *godet* de que fala o insigne paleoethnologo francês, não é feito por percurião. Uma broca de maior diametro, attingindo ás vezes 0^m,005, abriu uma primeira cavidade; outra broca menos espessa abriu no fundo d'esta uma cavidade mais pequena; assim successivamente.

Haveria alguma razão technica para o emprêgo d'estas diversas brocas? Nós não sabemos. Não repugna, porém, admittir que, se taes gravuras são apenas um ornato, um intuito meramente decorativo

¹ *L'homme avant les métaux*, pag. 198-199.

fosse a causa d'esse facto, para produzir alguma coisa semelhante á ornamentação de círculos concentricos que se encontra em certas obras neolithicas.

A ideia de attribuir a estas gravuras um caracter meramente decorativo será talvez muito contestavel, mas para nós é a que mais satisfactoriamente explica o seu destino, no objecto de que se trata. De facto não vemos em que ellas pudessem ser *utis* no mister de cortar, a que foi destinado e applicado o instrumento. Tambem não podemos attribuir-lhes o caracter de um registo numeral, interessando sob qualquer ponto de vista, ao possuidor do objecto. Nos orificios que guarnecem as peças de chifre de rena, pertencentes á ultima epocha do periodo paleolithico, que o insigne Eduardo Lartet denominou *bastões de commando*, viram alguns uma representação dos graus de auctoridade dos individuos que os usavam; mas esta hypothese, que não se apoia em razão alguma de pêsso, não pôde ser invocada relativamente ao machado em questão, onde as 76 cavidades de que restam vestigios, afóra as que foram destruidas, nos levariam a admittir um complicado organismo politico, de que não ha memória entre selvagens e que é incompativel com o estado primitivo do homem.

Um registo, qualquer que fosse o seu fim, não podia confiar-se a um objecto que, pelo uso a que era destinado, estava sujeito a constantes deteriorações e reparações, que destruiriam os signaes gravados, como acontece no nosso exemplar. Seria um registo de momentos, uma obra de loucos.

É certo que nas grandes pedras brutas das sepulturas neolithicas da Scandinavia, da Inglaterra e Escocia e da Bretanha francesa apparecem cavidades ellipticas e circulares, a que os paleoethnologos francezes chamam *écuelles* e *cupules*, e que tambem se encontram em rochas erraticas dos Alpes, do valle superior do Rhodano e dos Pyrenéus, e em rochedos da Lorena e da Alsacia. Ainda na ultima sessão do congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas celebrada em Paris, o sr. Julien Sacaze mencionou muitas em monumentos e rochedos da montanha d'Espiaux (Pyrenéus francezes) e o sr. B. Reber citou uma lage com 26 d'essas gravuras, tendo o diametro de 0^m,006 a 0^m,007, proveniente de uma sepultura de Douvaine (Saboya), e o rochedo de Planet em Salvan (Valais) com 500 aproximadamente, que, combinadas com outras figuras, formavam series comparaveis ás inscrições hieroglyphicas. No Alemtejo encontrou o sr. Cartailhac muitos exemplares nos megalithos; e nós tambem recolhemos no entulho das ruínas do megalitho da Cumieira um fra-

gamento de lage de calcareo muito brando, em que distinguimos duas pequenas cavidades conjugadas por meio de um sulco aberto na rocha.

Quanto ao seu destino, o sr. Sacaze declarou nada saber, lembrando todavia que teriam alguma relação com o culto dos mortos¹. O sr. Cartailhac, mencionando as explicações que se têm offerecido d'essas gravuras nos rochedos, que uns consideram signaes astronomicos, e outros como obras da ociosidade dos pastores, nota que as das sepulturas existem ás vezes nas faces das pedras que o *tumulus* devia occultar para sempre, mesmo aos individuos que penetrassem nas cryptas, estando neste caso as que elle descobriu nos dolmens de Candieira, de Paço-da-Vinha e de Paredes, que estavam na face superior das lages de cobertura; e declara que, embora taes gravuras multiplicando-se, na epocha do bronze, se achem já associadas nesta epocha a imagens comprehensíveis, são inexplicaveis, citando todavia o facto de serem veneradas na India como cousa sagrada².

Entretanto o sr. Mortillet parece comprehender estas gravuras entre os signaes puramente decorativos, repellindo a hypothese de serem destinados a recolherem um liquido ou objecto qualquer, visto que se encontram ás vezes na face inferior das lages de cobertura dos dolmens ou em superficies verticaes³.

Seja, porém, qual for o mysterioso destino de taes gravuras nos megalithos, nas rochas erraticas ou nos penedos, onde são de muito maiores dimensões do que aquellas que estudamos, parece-nos que em um pequeno instrumento, destinado a rudes trabalhos, sujeitos a desaparecerem facilmente com as fracturas e com as reparações, não deviam ser cousa sagrada, nem terem uma utilidade real. Pelo contrario, agrupadas em um certo espaço, que ficava completamente guarneecido, destruindo a fastidiosa monotonia das superficies lisas, que nas faces maiores ficavam restrictas ao gume e á parte superior dando assim um certo realce ao objecto, mais parecem formar uma simples ornamentação.

Na verdade encontramos estas cavidades circulares gravadas na pasta das louças neolithicas e até na das louças da idade dos metaes; e ninguém hesita em classificar-as entre os elementos puramente decorativos. No *Museu Prehistorico* do sr. Mortillet os fragmentos ceramicos das fig. 537 e 538 podem servir de exemplo. Outros podem ver-se na obra citada do sr. Cartailhac, fig. 165 e 166 e nas *Antiquida-*

¹ Vid. *Compte-rendu*, pag. 613 e seg., e 623 e 624.

² *Les âges préhist. de l'Espagne et du Portugal*, pag. 174 e seg.

³ *Le Préhistorique*, pag. 603; *Mus. préhist.*, fig. 584.

des Prehistoricas da Andalusia do sr. Gongara y Martinez, fig. 39, e até nós temos colligido fragmentos em que existe essa ornamentação.

Talvez que as cavidades do nosso machado fossem preenchidas com qualquer massa colorida, a fim de melhor sobresair a decoração. No Museu municipal da Figueira ha artefactos do gentio africano, em que as gravuras geometricas são preenchidas com uma substancia negra.

A. DOS SANTOS ROCHA.

As grutas de Cascaes

A propósito d'este assumpto, tratado n-*O Archeologo Português*, I, 250, lê-se n-*O Seculo* de 6 de Abril o seguinte, que com todo o gosto aqui se transcreve:

«Sobre a noticia que demos do estado de abandono e immundicie em que se encontram as famosas furnas de Cascaes, escreve-nos o illustre presidente da camara municipal d'aquelle concelho, Sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, informando-nos que a camara já deliberou tomar as necessarias providencias para a limpeza e conservação de tão importantes monumentos prehistoricos. Não temos senão a louvar a resolução da camara municipal de Cascaes e a agradecer ao Sr. Costa Pinto a sua carta que de certo será lida com agrado por todos quantos se interessam pelos vestigios dos nossos antepassados que vieram até nós.

Eis a carta do Sr. presidente da camara municipal de Cascaes:

—Refere-se *O Seculo* de hoje ás furnas, monumento prehistorico que existe na villa de Cascaes, e reclama providencias contra o estado de immundicie em que as grutas se encontram.

Cumpre-me, na qualidade de presidente da camara municipal de Cascaes, informar que na penultima sessão foi auctorizada a limpeza ás grutas, e approvado o orçamento de uma grade de resguardo para evitar o vandalismo que o público até agora praticava naquellas notaveis furnas, enchendo-as de immundicies.

O poço velho que se encontra junto ás furnas tambem foi mandado limpar e cobrir com tampa. D'estes trabalhos está encarregado o conductor de obras publicas, Manuel Ferreira dos Santos, empregado tecnico da camara.

Lisboa, 5 de Abril de 1896.—*Jayme Arthur da Costa Pinto.*»

J. L. DE V.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

Haverá, pouco mais ou menos, um anno que na reunião celebrada na capital do mundo civilizado, para commemorar o centenario da fundação do Instituto de França, se apresentou o octogenario Joaquim Possidonio Narciso da Silva e leu uma congratulação, perante a assembleia constituida pelos representantes da França sábia, por aquelle memoravel acontecimento. Mais uma vez, o sr. Possidonio da Silva representou condignamente o seu pais num congresso scientifico.

Mal pensava elle então, e mal pensavamos nós, embora sempre receosos, pela sua adeantada idade e pelo seu melindroso estado de saude, que esse discurso congratulatorio ao Instituto de França, de que era o unico representante de Portugal, seria o canto do cyano, a sua despedida aos seus illustres e respeitaveis confrades!... Infelizmente, assim foi! pois no dia 25 de Março falleceu em Lisboa, deixando aos seus amigos, aos seus discipulos e aos seus admiradores profundas saudades. Entre os propugnadores dos monumentos nacionaes, entre os cultores da Archeologia patria, deixou uma lacuna, uma vaga difficil de preencher.

O sr. Possidonio da Silva foi um estrenno trabalhador, foi um incansavel defensor das nossas antiguidades e um benemerito da humanidade.

•

Nasceu em Lisboa em 1806 e, tendo apenas um anno, foi com seus paes, que acompanharam a El-Rei o sr. D. João VI, para o Brasil, d'onde regressou, em 1821, com a familia real.

Começou os seus estudos regulares com o celebre Domingos Antonio de Sequeira, cujo nome é uma gloria nacional, continuando-os, depois da emigração de Sequeira, com Germano Xavier, estudando architectura civil, e com o pintor Lendim.

Em 1825 foi para Paris completar os seus estudos, conseguindo fazer em 1828 os seus exames na Academia das Bellas Artes d'aquella capital.

Tendo visitado os principaes monumentos da França, foi para a Italia, d'onde, depois de uma demora de dois annos em Roma, regressou novamente a Paris, onde obteve ser empregado como ajudante das obras da galeria do *Crystal Palais Royal*, que se estava construindo sob a direcção do distincto architecto M. Fontaine.

•

A maneira como o sr. Possidonio da Silva se desempenhou d'aquelle trabalho que lhe foi confiado demonstra-a o facto de ter sido immediatamente encarregado de importantes decorações no palacio das Tulherias.

Restabelecida a ordem e a liberdade em Portugal, o sr. Possidonio da Silva regressou á patria, e alistou-se no 1.º batalhão de voluntarios do Commercio, onde teve o n.º 31.

Como architecto occupou-se de diversas edificações em Lisboa, e como architecto da casa real, que era, fez grande numero de obras nos differentes palacios e propriedades pertencentes á coroa e á casa real.

Longe iriamos, se tentassemos enumerar todos esses trabalhos, que aliás se encontram descriptos na sua biographia escripta pelo sr. Costa Goodolphim; entretanto, apontaremos alguns dos mais notaveis d'elles:

a iluminação monumental em Lisboa, mandada fazer pelo primeiro batalhão do Commercio para demonstração de regosijo pela chegada, em 1833, da Rainha a Senhora D. Maria II, cujo desenho foi publicado num jornal inglês;

a restauração do Palacio das Necessidades, edificado por D. João V em 1721;

a apropriação do edificio do antigo convento de S. Bento, fundado em 1598 pelo geral da ordem beneditina D. Fr. Balthasar de Braga, para a reunião das côrtes, em 1834 (por este trabalho foi condecorado pelo imperador D. Pedro com o Collar da Torre Espada);

construção do Palacio do Alfeite;

a delineação do bairro novo nos terrenos da real quinta do Calvario.

O conhecimento que adquiriu, como architecto, dos monumentos nacionaes, despertou no sr. Possidonio da Silva o pensamento de archivar, estudar e conservar todas essas reliquias. Para a realização d'esse pensamento fundou em 1863 a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, de que era presidente, e um Museu Archeologico, hoje muito interessante e importante, nas ruínas do antigo convento de Carmo, em Lisboa, que são restos da fundação do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Como complemento do Museu e órgão da Associação, criou tambem um *Boletim*, revista mui apreciada no estrangeiro e por todos aquelles que amam a Arte.

O sr. Possidonio da Silva fez, com o fim de generalizar os conhecimentos archeologicos e de criar prosélitos, diferentes conferencias e regeu um curso gratuito de Archeologia, no edificio da Associação; escreveu uma interessante obra *Noções de Archeologia*, e uma outra de archeologia religiosa, que, pela sua simplicidade e clareza, é grande auxiliar para a aquisição facil dos princípios de archeologia.

Ao passo que se occupava do desempenho das suas obrigações officiaes e de todos esses trabalhos, o sr. Possidonio da Silva percorria as diferentes terras do reino, fazendo indagações, pesquisas, investigações, levantamentos de plantas de monumentos, de que em memorias, em communicações, em noticias, dava conhecimento ás diversas sociedades archeologicas a que pertencia (e poucas não eram ellas!), nos congressos que lá fóra se realizavam e para os quaes era sempre convidado.

Graças aos esforços do sr. Possidonio da Silva, por toda a parte hoje se criam museus archeologicos, nalguns seminarios já se ensinam princípios de Archeologia, a attenção pública applica-se á conservação dos monumentos, finalmente, a evolução manifesta-se a favor das nossas riquezas archeologicas, que tão descuradas tem sido e que tantas eram!

O sr. Possidonio da Silva, compenetrado da necessidade de prestar soccorros aos operarios invalidos, e, ao mesmo tempo, desejoso de tributar homenagem ás excellentes virtudes do sr. D. Pedro V, de saudosa memoria, promoveu e conseguiu a fundação em Lisboa de um — *Alberque para os Invalidos do trabalho* —, cuja inauguração foi em Julho de 1864; começando apenas com 6 invalidos, é hoje um estabelecimento dos mais notaveis «pela fórma amavel e fraternal como são tratados aquelles que lá procuram abrigo».

Assim, ao despedir-se d'este mundo, o sr. Possidonio da Silva podia exclamar: fui util ao meu país e fui bom para os meus irmãos.

Terminando esta singela homenagem á memoria do sr. Possidonio da Silva, só nos resta dizer: Adeus, Mestre, não esqueceremos o teu exemplo, nem abandonaremos a tua obra.

C. DA CAMARA MANOEL.

Bibliographia

INSCRIPÇÕES ROMANAS DE BRAGA (INEDITAS), por Albano Bellino, Braga, 1895; xv-cxxxiii pag., in-8.º, edição de 150 exemplares.

É este o segundo trabalho archeologico que o Sr. Albano Bellino publica em volume. O sub-título não convém, porque as inscripções que aqui dá como ineditas já haviam sido por elle publicadas na *Revista de Guimarães*, xii, 97 sqq.

Discipulo fervoroso do Sr. Dr. Pereira Caldas, professor bracarense, tem-lhe estudado com tal affinco os folhetos, que chegou a adoptar a orthographia e a adquirir o estylo do mestre por maneira que, quando se lê um, parece estar a ler-se o outro. Já no livro das *Inscripções e lettreiros*¹ se nota em parte este facto; no presente livro, porém, nota-se constantemente.

A proposito das inscripções que o Sr. Bellino toma para thema do seu livro, entra em muitas considerações e explanações que revelam alguma leitura, mas que deviam ser apresentadas com mais methodo critico.

A cada auctor é licito escrever o que quizer; todavia eu achava mais conforme com os intuitos do Sr. Bellino que este tivesse preferido reunir em volume cópias de todas as inscripções bracarenses, e do estudo do conjuncto d'ellas, apoiado no dos textos litterarios greco-romanos que se referem a Braga, e no de outros ramos da archeologia, tirado a luz possivel para o conhecimento da antiga BRACARA. Teriamos assim uma obra de significação mais lata e harmonica do que esta.

As explanações em que o auctor entra podiam em certos casos fazer-se de modo mais simples e claro. Para que estar a citar, através das obras de varios AA., as inscripções romanas já colligidas no *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II e *Suppl.*, onde se acham ao mesmo tempo mencionadas todas as noticias concernentes a ellas, e onde é muito mais facil a consulta? Quando muito, indicasse-se em breves notas que tal e tal inscripção havia sido antes publicada noutra parte. O methodo scientifico pedia isto.

A leitura da obra do Sr. Bellino suggeriu-me diversas considerações e annotações que vou aqui publicar.

¹ Vid. *O Arch. Port.*, II, 58.

Começa o livro por um prologo. Neste prologo ha dois pontos dignos de nota: a carta, lá transcripta, do Sr. Dr. Pereira Caldas, professor bracarense; e a referencia ao idolo dos Granjinhos.

Na carta trata o Sr. Caldas de tecer o elogio da sua livraria e o seu proprio, como de costume, no que vae de encontro ao que Sallustio dizia de Jugurtha, — *minimum ipse de se loqui*; faz uma lista de algumas obras archeologicas, mas nem todas de merecimento; apresenta como d'elle um indice das *Memorias e Antiquidades* de Argote, quando é certo que este indice vem assim mesmo no *Dicc. Bibliogr.* de Innocencio, vol. III, pag. 261, para onde já tinha sido transcripto da *Revista Litteraria*, do Porto, t. II, pag. 191 sqq.; e por fim reproduz uns versos de Camões, — pois o Sr. Caldas está tão possuido de canoniomania, que ultimamente, em todos os seus trabalhos, *per omne fas et nefas*, cita o nosso epico!

O Sr. Bellino apresenta no frontispicio do livro um desenho do célebre monumento do sitio dos Granjinhos, e a respeito d'elle diz no prologo: «desenho fidelissimo do monumento archaico mais singular de Braga, pela diversidade das opiniões que o estudo de todas as suas minuciosidades tem suscitado, desde o P.^o D. Jeronymo Contador de Argote, auctor das MEMORIAS do Arcebispado Primaz, até á actualidade. Este monumento, verdadeiramente singular em tudo, é conhecido desde então até agora com o nome geral — IDOLO BRACARENSE do local dos Granjinhos. Quem verificar o nosso desenho em face do proprio monumento, poderá notar que tivemos todo o cuidado em não dar aso a que possam desorientar-se os archeologos, que o queiram estudar detidamente¹». Como hei-de occupar-me d'este monumento proxima-mente, e com desenvolvimento, n-*O Archeologo*, não gasto agora tempo em discutir este trecho, e direi apenas: que não é pela diversidade das opiniões que o monumento se torna notavel, mas sim pela sua significação; que as opiniões suscitadas tem sido bem poucas; que o monumento não é conhecido pelo nome de *Idolo Bracarense*, mas sim pelo simples nome de *Idolo*, ou, em linguagem popular, *Idro*; que o desenho não está tão fiel que só por elle se possa estudar o monumento, e que pelo contrario desorientaria a quem não tivesse outro meio de estudo.

Passarei agora á materia que constitue o corpo da obra.

¹ Pag. IV.

Pag. II. A inscripção de BLOENA está bastante gasta. O que eu pude distinguir nella, quando estive em Braga em Fevereiro de 1896, e a examinei em companhia do Sr. Dr. José Machado¹, foi o seguinte:

1. P L C E N
A · C A V
A L I · F
V A L A I
5. R I C N S I S
H · S · E
7. C A

As seis primeiras linhas não differem sensivelmente do texto dado pelo Sr. Bellino; apenas eu figurei a mais um ponto depois do primeiro A da segunda linha. Noto, porém, uma setima linha, cujas letras são difficéis de distinguir, mas em que julgo ver C seguido de uma letra, ao parecer, A; pelo menos o traço horizontal está claro. Da última letra da 4.^a linha só se distingue o que indico; todavia é muito provavel que seja B, como o Sr. Bellino diz.

Transcripção da inscripção: BLOENA · CAMALI · F (*filia*) VALABRIC(e)NSIS H(ic) · S(it)a · E(st) CA[MALVS?]. No caso de ser CAMALVS a última linha, ficava manifesto que fôra o pae de BLOENA quem dedicára á filha este monumento funebre.

Pag. III. Diz-se que em *Valabricsis* por *Valabricsensis* não ha erro de canteiro, mas que «são frequentes as supressões de letras, na epigraphia romana, quando o contexto as traz á memoria facilmente». E, para se justificar isto, cita-se uma inscripção de Carthagená em que, segundo o Sr. Bellino, se lê duas vezes CARTHAGNENSIS por CARTHAGINENSIS, e uma inscripção de Elvas em que se lê EMERITESI por EMERITENSI. Merece a pena discutir estes pontos, senão pelo que elles valem em si, ao menos porque o assumpto póde interessar a alguns leitores.

¹ A este meu prestimoso amigo agradeço aqui a excellente companhia que me fez, quando estive em Braga em Fevereiro de 1896, e o auxilio que me prestou nas minhas investigações archeologicas, facilitando-me a visita a todos os monumentos cujo estudo me interessava.

Adeante provo que a referida inscripção de Carthagera não contém de modo algum *CARTHAGNENSIS*; mas, dado o caso que contivesse, esta forma pertencia a uma categoria muito diversa d'aquella a que pertence *EMERITESI*, pois no último caso temos um phenomeno phonetico, isto é, da lingua viva, e no primeiro teriamos um phenomeno meramente orthographico. A inscripção de Carthagera vem publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, n.º 3418, que o Sr. Bellino não consultou; ora o que lá se lê é, não *CARTHAGNENSIS*, e sim *CARTHAGNENSIS*, o que corresponde a *CARTHAGINIENSIS*, que é forma muito usada a par de *CARTHAGINENSIS*. Por tanto o exemplo ministrado pelo auctor do livro de que estou fallando não tem fundamento, porque a forma é *CARTHAGINIENSIS*, e não, como elle diz, *CARTHAGNENSIS*.

Quanto á forma *EMERITESI* por *EMERITENSI*, lembrei que ella não representa um modo abreviado de escrever: era assim que o povo pronunciava. O grupo *us* valia *s* no latim vulgar; diz Meyer-Lübke: «*déjà avant notre ère n devant s était tombée; . . . on écrivait pensat, mensa . . . mais on prononçait pensat, mesa*¹»; o mesmo A. cita a Quintiliano, que diz que a palavra *consules* se pronunciava sem *n*². Comtudo se, embora escrevendo-se *us*, se pronunciava apenas o *s*, os exemplos de se escrever somente *s* por *us* contam-se aos centos; por brevidade, limito-me a citar aqui alguns, contidos nas inscripções peninsulares: *infus*, *Colliponesis*, *Conimbricesi*, *Lucesi*, *Eboresis*, *Cauricesis*. Podem ver-se muitos exemplos nos indices dos diversos volumes do *Corp. Inscr. Lat.* Pelo mesmo motivo se diz na nossa lingua *caposo*, *mes*, *asa*, *português*, palavras que vem do latim vulgar *sposu-*, *mese-*, *asa-*, *Portucalese-, correspondentes ao latim litterario *sponsum*, *ensem*, etc. Como muita gente estranha que eu escreva *português* com *s*, e não com *z*, aqui fica explicada a razão: é que a terminação *-es* vem da latina *-es(e-)*, por *-ensem*, onde ha *s*, que não póde substituir-se graphicamente por *z*, que tem origem e representação diversa.—O segundo exemplo produzido pelo Sr. Bellino fica, pois, também destituído de todo o peso que elle lhe attribuia.

¹ *Grammaire des langues romaines*, I, 342.

² *De inst. orat.*, I, 7, 29.—É por isto que a abreviatura ordinaria de *consul* é *COS*, isto é, *COS(us)*.

VALABRICNSIS não é comparavel a EMERITESI, porque nesta fórma falta um N que habitualmente não se pronunciava, e naquella falta um E, de mais a mais tonico, que não podia deixar de se pronunciar, como o prova o actual suffixo *-es*, que, como lembrei, vem do latim vulgar *-es(e-)*.

Logo VALABRICNSIS por VALABRICENSIS é facto esporadico, devido certamente a descuido ou impericia do canteiro. Sem fallar nas abreviaturas, como M· por *Marcus*, SE· por *sepultus*, na suppressão de letras nas inscrições romanas são geralmente devidas a duas causas principaes: representação inconsciente da pronúncia viva, como *Specula* por *Specula*, *anima* por *animam*, *posuit* por *posuit*, *Flaus* por *Flavus*¹; impericia ou descuido do canteiro. O exemplo observado na inscrição de Braga pertence, quanto a mim, á segunda classe. Não se póde allegar que o canteiro quisesse aproveitar espaço, pois na linha cabia o E.

Pag. XI. Diz-se que é por «prurido de correções», que em L. Floro se lê umas vezes *Curgonios* e outras *Curinogios*. Não se indica o lugar da obra de Floro, mas é claro que se trata do liv. II, cap. xxxiii (nas ant. edições IV, xii). Algumas edições de Floro tem de facto *Curmogios* e *Curgonios*, mas as melhores, e uma d'ellas é a de C. Halm, de que me sirvo, tem *Turnogios*: por isso não valia a pena citar livros antiquados.

Na mesma pag. dá-se uma inscrição, como de França, sem se dizer o livro d'onde se tomou: é a de PHOEBVS TORMOGVS HISPANVS. Ora esta inscrição não se encontrou em França, mas sim em Roma, d'onde passou para o Museu de Berlim, onde hoje está: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, VI, 24162; alem d'isso a versão do Sr. Bellino não é bem conforme com a do *Corpus*.

Pag. XII-XXI. A proposito de *Valabriga*, palavra d'onde deriva o citado adjectivo *Valabricensis* = *Valabrigensis*, faz-se uma pequena dissertação sobre *Abobriga* (= *Abobrica* de Plinio), *Avobriga* e *Aobriga*, citando-se a opinião de Aureliano Guerra². Segundo este A., *Abobriga* ficava na foz e costa septentrional do rio Minho; *Aobriga*,

¹ Na propria litteratura latina se encontra: *ben'faium*, *al'tun*, *valde* = *valide*, *suppos'ta*, *lan'na*, *reposita*, etc. etc.; mas todos estes factos se justificam pelas leis phoneticas.

² In *Revista Archeologica*, de B. de Figueiredo, II, 89-92.

ficava pouco abaixo da confluencia do rio Minho com o Sil, vindo mesmo de um derivado de *Aobriga* a palavra *Ourense*¹; *Avobriga* ficava nas margens do Ave. Será difficil separar linguisticamente os tres nomes; todavia não é para se tratar numa simples noticia bibliographica uma questão tão complicada como a que a *Abóbrega* ou *Abóbrega* suscita².

A pag. XV-XVI transcreve-se e commenta-se a inscripção romana das Caldas das Taipas, cujo texto se copia assim:

IMP CAES NERVAI
TRAIANVS AVG GER DAC
PONTI MAX TRIB POT VII
IMP IIII COS V P. P.

acrescentando-se: «no fim da linha 1.^a não é certamente um I, mas a haste de um E, o que a photographia apenas esboça na inscripção, devido ás inclemencias de 1792 annos»; todavia o Sr. Dr. Hübner, que visitou o monumento em 1881, em companhia dos Srs. Drs. Martins

¹ Aureliano Guerra funda-se, para estabelecer esta etymologia, em documentos latinos medievales onde se lê *Arriensis* e *Aurensis*, suppondo esta forma derivada de *Aurea* e esta de *Áobrega*, por *Áobriga*. Eu creio que *Aurensis* e *Auricensis* não passem da latinização da forma viva *Ourense*, como é vulgar nos documentos medievales escritos em latim barbaro. Uma objecção muito forte á hypothese de Guerra é que, segundo a lei phonetica deduzida a cima, no latim vulgar não se devia dizer *Aobrigensis*, mas sim *Aobrigese*-, cuja desinencia tem como representante popular em gallego, portuguez e hespanhol *-es* e não *-ense*, que é desinencia litteraria e, portanto, moderna. Do mesmo modo não se diria *Auricensis* ou *Aurensis*, mas *Auriese*- ou *Aurese*-. Cfr. portuguez, de «Portucalese (m)» = «Portucalense» em. Dada aquella hypothese, d'onde havia, pois, de vir a terminação *-ense* de *Ourense* ou *Ourense*? Eu, pelo menos, não a sei explicar, e penso que neste, como noutros casos, não se deve confiar muito nas palavras de Aureliano Guerra.

² Vid. sobre o assumpto:

Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2477 e 4247;

D. Detlefsen, *Die Geographie der tarraconensischen Provinz bei Plinius*, no *Philologus*, vol. XXIV, 600 sqq.;

Müller, ed. da *Geographia* de Ptolemeu (Didot), 163, nota;

A. Fernandes Guerra, na *Revista Archeologica*, II, 89 sqq.;

De-Vit, *Onomasticon*, s. v. «Abóbrega»;

Adolpho Coelho, na *Revista Lusitana*, I, 354-355.

Sarmento e Pereira Caldas, diz: «v. 1 extr. addita est a. 1818 a quadratario, qui instauravit, imperito I littera, quam apparet noviciam esse»¹, o que significa: «na extremidade da 1.ª linha foi accrescentada pelo canteiro ignorante, que avivou a inscrição, a letra I, que bem se vê ser moderna»; por isso o Sr. Hübner dá a seguinte lição:

IMP · CAES · NERVA
 TRAIANVS · AVG · GER · DAC
 PON · MAX · TRIB · POT · VII
 IMP · IIII · COS · V · P · P

que differe da versão do Sr. Bellino, apesar do este afirmar que se serviu de uma photographia. O Sr. Bellino tem por exemplo um ponto no fim da inscrição, o qual não é provavel que esteja na pedra; o ponto que collocou depois do penultimo P não está bem collocado, pois deve ser ao meio da letra e não sobre a linha. Das outras divergencias só á vista da pedra poderei julgar. O Sr. Bellino, para justificar que a última palavra da 1.ª linha é genetivo, isto é, NERVAE, transcreve a pag. xvii duas inscrições, em que se lê respectivamente

IMP · CAESAR
 DIVI · NERVAE · FILIVS
 NERVA · TRAIANVS etc.

IMP · CAESAR
 DIVI · NERVAE F
 NERVA TRAIANVS etc.

mas não repara em que ao lado do genetivo NERVAE está também o nominativo NERVA; por isso estas duas inscrições não se podem comparar com a das Taipas. Incidentemente notarei que a primeira inscrição, que é de Salamanca, não foi exactamente copiada, como se pôde ver no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4685; e a segunda, que se diz ser de Merida, é, segundo o Sr. Hübner², de duvidosa authenticidade! Como poderá, pois, servir de base de discussão scientifica um texto

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, n.º 5560.

² *Corp. Inscr. Lat.*, II, 453*.

cuja authenticidade se não pôde demonstrar? Em pontos d'estes é que o Sr. Pereira Caldas devia ter elucidado o seu discipulo, se estivesse no caso de o poder fazer.

Pag. XXII. A inscripção transcripta a pag. XXII, existente no pateo do Avellar, em Braga, não está bem copiada. O Sr. Bellino leu:

A R Q V I V S
V I R I A T I · F
J · A G R I P P A
H · S · S · E S T
M E L G A E
C V S · P E L I S T I
M O N I M E
C O

Esta inscripção, como outras do mesmo local, tem suas difficuldades, devidas em parte á má posição em que se encontram as lapides. Na 3.^a linha o que se lê é AGRIMA e não AGRIPPA; todavia noutra inscripção, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2433, lê-se: ACRIP. No fim da última linha ha ainda letras pouco claras. Ha um ponto no fim da 1.^a linha, no fim da 4.^a e no fim da 7.^a (que parece estar toda). Na 1.^a letra da 6.^a linha, isto é, dentro do C, ha uma haste.

Pag. XXIII. O auctor do livro que estou analysando diz ignorar a razão das variantes da inscripção publicada por Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*: é que este serviu-se da versão dada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2435, que o Sr. Bellino não compulsoou.

Pag. XXIV-XXVII. A proposito da espiral (suastica) que se vê na parte superior da pedra em que está a inscripção de Arquius, a que ha pouco me referi, faz-se um extracto do que Borges de Figueiredo publicou em 1888 na *Rev. Arch.* Não leu o Sr. Bellino as notas que a este proposito publiquei na *Revista Lusitana*, II, 91, e no *Elencho das lições de numismatica*, I, 5-6. Tratei a materia condensadamente, como costume, porque não me sobra o tempo para divagações, mas expus os pontos fundamentaes da questão. — O que se diz a pag. XXVI, «foi com effeito a adoração do sol, e por consequente a adoração do fogo, a manifestação primitiva do naturalismo entre os povos antigos», não pôde admittir-se com tal exclusivismo.

Pag. XXVIII-XXIX. Como na inscripção de Arquius, transcripta a cima, se lê H · S · S · EST, o Sr. Bellino interpreta esta fórmula assim: H(oc) S(epulcrum) S(ibi) EST. Para justificar H(oc) S(epulcrum) S(ibi) transcreve outras inscripções, mas não com exactidão, como vamos ver.

A primeira inscripção allegada como peça justificativa é a seguinte, que não diz d'onde foi copiada:

B O V D I N

N A · C A(ii)

A M · F · H · S

Interpreta-a assim: «*Boudina, Caii filia. Amicus fecit hoc sepulcrum*». Dado o caso que a inscripção estivesse exacta, a interpretação era muito forçada; mas a inscripção não está fielmente copiada, como se póde ver no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 625 e 5274: a última redacção dada pelo Sr. Hübner é:

BOVDENNA CARAI F ·

H · S · F

Como o illustre epigraphista allemão nada diz á cerca do F final, supponho que esta letra está por E, vindo a ser pois a fórmula usual H(ic) S(ita) E(st).

Outra inscripção citada pelo Sr. Bellino, em que cuida achar S=S(ibi), é esta, que tambem não diz d'onde foi extrahida:

AFRANIA

L · L

CRHOCALE

S

mas o Sr. Hübner, seguindo Muratori, lê S(*alce*); e o Sr. Mommsen propõe S(*ita*): vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3011.

A terceira inscripção ministrada pelo Sr. Bellino está pessimamente estudada, pois transcreve-a assim (não dizendo d'onde)

OVTIA

ISALI · F ·

LXII · S ·

e tradu-la com toda a afouteza «Utia[!] filha de Isalo[!] de 62 annos de idade, *erigia* para si», — sem notar que na 1.^a linha falta uma letra, na 2.^a outra, e na 3.^a duas ou mais! A inscripção, como o Sr. Hübner a transcreve no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 626, é

b O V T I A
e I S A L I · F
a N · X I I S

e o S final ou significa S(*emis*), segundo aquelle epigraphista, ou S(*ita*), segundo Mommsen, que suppõe que as últimas letras sejam: X H(*ic*) S(*ita*). Os nomes *Boutia* e *Visalus* são conhecidos de outras inscripções hispanicas.

Como última peça justificativa de S por S(*epulcrum*) refere-se o Sr. Bellino á conhecida fórmula H · S · H · N · S, mas esta nada tem para o caso.

Por tanto não se pôde acceitar nenhuma das razões que apresentou. Sem dúvida S muitas vezes significa S(*epulcrum*); mas, como a interpretação da fórmula H · S · S · E S T é muito forçada, vamos a ver se achamos outra mais natural.

A primeira ideia que occorre é se o segundo S seria devido a engano do pedreiro, por isso que ha fórmulas em que se lê H · S · S = H(*ic*) S(*iti*) vel S(*epulti*) S(*unt*); tambem poderia pensar-se em H · S(*itu*) S E, sem que o ponto interposto entre os dois S S fizesse obstaculo a que estas duas letras pertencessem á mesma palavra: todavia o que o methodo epigraphico exige é que se veja se ha ou não outros exemplos de tal fórmula.

Ora, no *Cours d'épigraphie latine*, de R. Cagnat, 2.^a ed., pag. 249, vem uma fórmula semelhante, H · S · S · E, que aquelle auctor interpreta por H(*ic*) S(*itus*) S(*epultus*) E(*st*). O mesmo A., pag. 389, indica uma fórmula que começa por H · S · S ·, e que elle interpreta tambem por H(*ic*) S(*itus*) S(*epultus*); creio que esta última é a mesma que se lê no *Corp. Inscr. Lat.*, VIII-1, n.^o 6435.

Em verdade não repugna admittir a expressão *situs sepultus*, com quanto as duas palavras sejam quasi synonymas; pôde explicar-se pelo principio da allitteração, que era tão frequente em latim, como por exemplo se vê no opusculo de E. Wölfflin, *Die allitterierenden Verbindungen der lateinischen Sprache*, Munich 1881¹; eis aqui

¹ Separata das Actas das Sessões da «K. bayer. Akademie der Wissenschaften, philos.-philol. hist. Cl., 1881, Bd. II, Heft. 1».

alguns exemplos de phrases allitteradas, em que entram palavras latinas synonymas ou quasi: *miser miserandus, solus solitarius, unus unicus, vetus vetustus, pario parturio, bene beate, lumen lux, perdere perire, valere vivere, lubentes lactificantes*¹. As proprias inscripções offerecem LAETVS LIBENS², expressão que tambem se encontra na litteratura³. Igualmente se lê nas inscripções D · D, o que significa D(edit) D(edicavit)⁴. Se os Romanos diziam *pario parturio, valere vivere, perdere perire*, que dúvida haveria em que dissessem tambem rhythmicamente *situs sepultus*, de mais a mais numa fórmula? As pessoas mais competentes do que eu deixo o decidirem se esta minha interpretação pela rima allitterante é boa ou não.

Pag. XXXI. Escreve Varro á francesa; como em latim é Varro, -onis, em português deve ser Varrão ou Varro; o que mais se usa é Varrão.

Na mesma pag. vem a inscripção de Salvius Athictus, que transcreve assim:

D · SALVIVS
ATHICTVS
AN · XVII · H · S · E · S · T · T · L

contudo, o que eu vi na pedra, quando estive em Braga em Fevereiro p. p., foi:

D · SALVIVS
ATHICTVS
AN · XVII · H · S · E · S · T · T · I

Da última lettra, que é um L, só se vê a haste vertical; as últimas sete lettras não estão separadas por pontos, pelo menos já lh'es não percebi. A differença entre a minha versão e a do Sr. Bellino é sem importancia; mas fiz esta nota por elle dizer que se serviu de uma photographia, e que podia garantir o seu texto.

¹ Vid. Wölflin, in *op. laud.*, p. 8-9 e 46 sqq.

² Vid. por ex. Cagnat, in *op. laud.*, p. 424.

³ Vid. Wölflin, in *op. laud.*, p. 63.

⁴ Vid. por ex. Cagnat, in *op. laud.*, p. 374.

Mais importante e grave é o que se segue. Para dar exemplo do nome Athico sem *h*, transcreve, sem dizer d'onde, o Sr. Bellino a seguinte inscrição de Porcuna:

E . S .
P . MANIL . ATICTUS
V . S

que interpreta d'este modo: *Endovellico sacrum: Publius Manilius Atictus votum solvit*. Em primeiro logar o Sr. Bellino dá como E a primeira lettra, que o Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2127, pensa ser antes F=F(*ortunae*), como succede numa inscrição que hoje está na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Em segundo logar, só por grande esforço de imaginação, se poderia attribuir a Endovellico uma inscrição d'aquellas, achada tão longe do santuario do deus lusitano!

Pag. XXXII. O fragmento epigraphico publicado nesta pag. creio não estar exactamente copiado.

Pag. XXXV. Os *coraçõesitos* de que aqui se falla são as *hederæ distinguentes* que se encontram tão vulgarmente nas inscrições romanas.

Pag. XXXVII. Transcreve-se a inscrição de Materna, que hoje se acha num quintal que pertenceu ao fallecido Fernando Castiço. Esta inscrição merece exame mais circumstanciado do que o que o auctor das *Inscrições romanas* lhe fez, pois a última parte do *carmen* que termina a inscrição não está, pelas difficuldades que offerece, fielmente copiada.

Pag. XL. A inscrição de Sullia está bem copiada. A pedra em que ella se acha é um cippo de granito, de 0^m,80 de altura.

Pag. XLII. Á cêrca da inscrição de Adronus vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2430. Na mesma pagina XLII diz o Sr. Bellino que o exemplo que conhece de maior longevidade é de 120 annos; mas na Numidia conhecem-se exemplos de 131 e 132 annos, o que está de accôrde com a observação de Sallustio, ao fallar dos povos Norte-africanos:

«plerosque senectus dissolvit»¹; portanto ha exemplos de maior velhice do que a que o Sr. Bellino indica.

Pag. XLIII. A inscripção de Vibia está bem. Ara de granito, com seu *foculus*, e duas volutas de cada lado d'este.

Pag. XLIV. A inscripção transcripta nesta página não o está bem, como pôde ver-se confrontando o texto do Sr. Bellino com o do Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 193. A interpretação de HONOR por HONOR(ibus) não é conforme com o sentir dos epigraphistas; estes interpretam HONOR por HONORE.

Pag. XLV. Diz: «Com relação ás desinencias de sobrenomes em -anus, só começaram a vulgarizar-se no quarto seculo christão; sendo derivadas dos gentilícios em -ius». Nestas palavras ha várias inexactidões. Que o suffixo -anus estava vulgarizado antes do sec. IV mostram-no nomes como *Scipio Aemilianus*, do sec. II antes de Christo, e *Caius Julius Caesar Octavianus*, do sec. I; isto para não citar senão dois muito conhecidos; vid. a este proposito Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 2.^a ed., pag. 72. Mas o suffixo -anus não se addiciona só a nomes derivados de gentilícios em -ius; ha cognomes d'esta especie derivados de nomes de logares, como *Brannus*, de *Baiae*, *Tusculanus*, de *Tusculum*; ha nomes que são, elles proprios, gentilícios, como *Faesculanus*, *Gerellanus*, *Norbanus*; ha nomes de escravos ou de libertos, formados assim, por exemplo, *Drusianus*, *Maccenatianus*. Muito importante sobre o assumpto é o trabalho do Sr. E. Hübner, intitulado *Quaestiones onomatologicae Latinae* (I, *Nomina in -anus*), publicado na *Ephemeris epigraphica*, II, 25 sqq.

Pag. XLVII. Cita-se, segundo as palavras do Sr. Pereira Caldas, professor bracarense, uma inscripção romana de Braga, consagrada á deusa FROVIDA. A lapide parece que se perdeu, e por isso, quando estive em Braga, não a vi; contudo, inclino-me a crer que em logar de FROVIDA estaria na pedra PROVIDA. O adjectivo *providus* convinha perfeitamente a uma divindade, tanto mais que em latim se dizia *providentia deorum*; depois o adjectivo podia tornar-se o nome da propria divindade, como FONTANA, que na origem era adjectivo.

¹ *De bello Jugurthino*, XVII; e vid. a nota de Lallier, na ed. d'aquella obra, Paris 1893.

Pag. XLVIII. Transcrevem-se umas palavras do Sr. Pereira Caldas, em que este se refere á inscripção

ALBVRA . C
ARISI . F . ET . CA
RISIVS . CA
MALI . F . H . S . E .

que interpreta assim: «Albura, Carisi(i) filia, et Carisius, Camali filius, hic sita est». Em primeiro logar não é justo pôr *Carisi(i)*, se no texto está *Carisi*, pois toda a gente sabe que os genetivos dos substantivos em *-ius* se podem muitas vezes contrair em *-i*: *Vergili*, *Publi*, etc. Em segundo logar, a fórmula H . S . E não deve interpretar-se *hic sita est*, mas *hic situs est*, porque o que é conforme com a lingua latina é que o participio *situs* concorde com o nome que está mais proximo, que é *Carisius*, e não com o que está mais longe, que é *Albura*.

Incidentemente notarei que, examinando esta inscripção *in loco*, já não notei no H vestigios do traço medial, e apenas as duas hastes verticaes H; mas isto é sem importancia.

Pag. XLVIII. Diz o Sr. Bellino: «Em todo o paiz não conhecemos mais do que outra lapide com o nome *Albura*; e é relativa a Collipo (Leiria)». Podia o A. ter folheado o *Corp. Inscr. Lat.*, II, onde encontraria, sob o n.º 73, mais uma *Albura*, numa inscripção do Museu Cenaculo; e sob o n.º 6721, outra, numa inscripção de Almourol, transcrita da *Revista Archeologica*, III, 155.

Pag. XLVIII-XLIX. A seguinte inscripção

D . M
ALBVRAE
TITI . F
DVTIA
AVITI . F
MATER
F . C

é assim interpretada: «Diis Manibus Alburae, Titi filia, Dutia, Aviti filia, mater, fieri curavit». Deve ser *Titi filiae*, e não *Titi filia*, pois *filiae* concorda com *Alburae*. A fórmula F . C costuma interpretar-se por *faciendum curavit*.

Pag. LII-LIII. Transcreve-se de Contador de Argote uma inscrição, que está sem dúvida estropeada, e pretende-se restituí-la; mas a restituição do Sr. Bellino é totalmente diversa da que propõe o Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, 2496, que teria sido conveniente consultar de ante-mão.

Pag. LIII. Diz-se que a lapide do deus TVRIASO está no Museu de Guimarães. Ha aqui dois equívocos. Em primeiro lugar o deus não é TVRIASO, mas sim TVRIACO, ou melhor, TVRIACVS; o Sr. Bellino confundiu este nome com o de uma antiga cidade hispanica chamada *Turiaso*. Em segundo lugar, esta lapide não está em Guimarães, mas sim em Santo Thyrsó. Podia o Sr. Bellino ter consultado a este proposito o artigo do Sr. Martins Sarmiento publicado na *Revista Lusitana*, I, 235.

A inscrição de Benaguacir, transcrita nesta pagina, não está conforme com o texto publicado no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3784.

Pag. LIV. Transcreve-se uma inscrição que vem em Argote, mas não se repara que esta inscrição está estropeada. Ella existe hoje em Bóveda em poder do Sr. José Homem de Sousa Quevedo Pizarro, a cuja amabilidade devo o tê-la examinado em Setembro de 1895. Infelizmente não posso dar cópia completa da inscrição; em todo o caso eis o que apurei:

1. C A M A L V S
B O R N I F ·
H I C · S I T V S ·
E S T A N N O R
5. I I I · E L . . T A R . .
F R A T E R F A C I E
7. N D V C V R A V I T

Na linha 2.^a é BORN1, não BVRN1. Na linha 3.^a, depois de III, número de annos vividos, só percebo EI...TAR..., que representam no todo ou em parte um nome barbaro, se as duas primeiras letras não são o dativo de *is*. Na linha 7.^a não ha M depois de NDV. O sentido é pois: *Camalo, filho de Borno, de tres annos, está aqui sepultado. F... seu irmão, mandou-lhe fazer (este monumento)*. Aqui vê também o Sr. Bellino confirmado o que eu disse a cima á cerca do valor de F · C, fórmula que aqui está por extenso: FACIENDV(m)

CVRAVIT. As linhas 2.^a e 3.^a terminam em pontos. Entre algumas palavras não existe separação graphica nem espaço. Deve, pois, emendar-se no *Alt-celtischer Sprachschatz*, de Holder, a forma *Burnus*, de Chaves; em *Bornus*; a forma *Barnus* existe tambem no onomastico antigo, e é certamente parenta d'aquella, mas provém de outras fontes. De passagem notareei que ha em Tras-os-Montes uma aldeia chamada *Bornes*, cujo nome talvez tenha algum parentesco com *Bornus*. Tanto *Bornus* como *Barnus* é possível que sejam de origem celtica.

Pag. LIV. A inscripção

C · FESTA
AN · L · V(icit)
H · S · E · S · T
T · L

está evidentemente mal copiada, pois na linha 3.^a deve ser LV=quinque et quinquaginta. Cfr. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3550.

Pag. LV. A inscripção de Braga transcrita assim:

REBVRVS CAMAL
AV...S...NVS
XXX

que o Sr. Bellino interpretou por *Reburus Camal(i) (filius), Augustanus (annorum) triginta (hic situs est)* foi pelo Sr. Hübner, que a examinou em 1881, interpretada de outro modo: *Reburus Camali Aenus ann(orum) XXX*. Visto que a interpretação offerecia litigios, devia o Sr. Bellino ter ponderado a interpretação de tão consummado epigraphista, como é o Sr. Hübner.

Pag. LVI. Transcreve-se uma inscripção, em que se suppõe ler-se M(arco) VALERIO PIO REBVRO, mas onde, segundo o texto do Sr. Hübner, no *Corp. Inscr. Lat.*, 4257, se lê M · VLPPIO REBVRO, o que é muito differente do que diz o Sr. Bellino.

Pag. LVII. Cita-se uma inscripção, mas não se diz d'onde é, nem d'onde foi transcrita.

Pag. LVIII-LXI. A inscripção publicada nesta pagina foi encontrada em 1891. Nada posso dizer a respeito d'ella, porque a não examinei. — Compara o Sr. Bellino esta inscripção com duas que diz serem de Constantino Magno, uma de Merida, outra de Cordova. Nem de uma, nem de outra dá indicações bibliographicas. A de Merida é falsa: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 449*. A de Cordova está mal copiada, e alem d'isso não se refere a Constantino I, mas sim a Constantino II: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2206. E é assim, de uma inscripção falsa e de outra de sentido diverso do que elle cuida, que o Sr. Bellino ousa tirar a seguinte conclusão: «vê-se de todas estas inscripções, que deixamos transcriptas, como a este imperador (i. é, a Constantino I), um dos mais notaveis na serie d'elles, eram tributados agradecimentos pela concessão do livre exercicio da religião christã, com permissão de se edificarem templos para o culto dos fieis, erigindo-se aras dentro d'elles ao Deus verdadeiro! Se a historia de Constantino I tivesse de se recompor com textos d'estes, um falso, outro referido a Constancio II, havia de chegar-se a optimos resultados! — Seguidamente transcreve de Argote a seguinte inscripção:

DON . N . CONS
TANTIN . N . B .
CAES

mas o texto está imperfeito: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4784. O Constantino de que nella se falla é o 2.º: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1110. — A inscripção de S. Pedro de Lómar, transcrita a pag. LXI, tambem não está conforme com o texto publicado no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4764.

Pag. LXII. Fallando-se de uma cohorte militar de Bracaros, diz-se: «Em Onuphrio Panvinio (Commentarios da republica romana), achou o Padre Argote uma inscripção relativa a essa cohorte, transcrevendo-a nas *Memorias*, t. I, n.º 408». Estas linhas prestam-se a varios commentarios. Em primeiro lugar o Sr. Bellino dá a inscripção como inteira, quando Argote diz que é apenas um fragmento, o que bem se vê, comparando o seu texto com o do original. O Sr. Bellino só conheceu o texto de Onuphrio através da citação de Argote, mas eu tenho aqui deante de mim a propria obra, cujo titulo é: *Reipublicae Romanae Commentariorum libri tres*, nova edição, Paris 1588: ali vem a inscripção toda a pag. 172. O segundo commentario a que

se prestam as palavras do Sr. Bellino é mais grave, porque a inscrição de Onuphrio é falsa! Veja-se a seu respeito o *Corp. Inscr. Lat.*, vol. VI-5, n.º 1937*. Como hão de, pois, tirar-se de uma inscrição falsa deducções para a história das cohortes bracaras? Em pontos assim, de melindrosa averiguação, é que o Sr. Bellino devia recorrer ao Sr. Pereira Caldas, se este estivesse no caso de o elucidar... Querendo o Sr. Bellino informar-se á cêrca das cohortes bracaras conhecidas, teria de recorrer á *Ephemeris epigraphica*, vol. V, pag. 169, que ali, num artigo do Sr. Th. Mommsen, escrito em latim, encontraria menção d'ellas, que são em número de cinco: a primeira com o nome de *Bracaraugustanorum* e *Augusta Bracarum*, a quarta com o nome de *Bracarum*, as outras com o de *Bracaraugustanorum*.

Pag. LXIV-CXXI. Publica-se o fragmento de uma inscrição, descoberta pelo Sr. Bellino em Braga. D'esta inscrição deu o Sr. Martins Capella uma lição mais rigorosa nos seus *Milliarios do conventus Bracaraugustanus*, pag. 252, preenchendo ao mesmo tempo as lacunas. — A proposito d'este fragmento epigraphico publica seguidamente o Sr. Bellino uma extensa dissertação sobre vias romanas, para o que transcreve várias inscrições, e varios textos de Lima Bezerra e de Argote. A minha critica já vae muito extensa, e por isso não posso entrar na analyse d'essa dissertação, tanto mais que sobre o assumpto temos d'agora o excellente livro do Sr. Martins Capella, citado a cima. — Falla tambem de Vizella, transcrevendo um artigo do Sr. Martins Sarmiento, publicado na *Revista de Guimarães*.

Pag. CXXV. Transcreve-se uma inscrição da Sé de Braga, cuja 3.ª linha é, segundo o Sr. Bellino,

.....CO

mas antes do C vejo na pedra o vestigio de outro C; por isso deve a linha restituir-se assim:

(Fla)CCO

Na 1.ª linha falta metade do cognome, que é *Caelius*, é a inicial do prenome, que o Sr. Bellino supõe ser *Titus*, com o fundamento, parece, de que na igreja de S. Pedro de Lómar se lê uma inscrição em que figura *Titus Caelius Flaccus*, filho de outro Tito Celio Flacco; mas é essa inscrição que me faz suppor que se trata de um diverso.

No *Agiologio*, de Cardoso, citado por Argote, *Memorias*, II, pag. XV, dá-se como estando na 1.^a linha da inscripção de Braga A, o que é muito provavel. Teriamos assim um *Aulus Caelius Flaccus* e um *Titus Caelius Flaccus*, ambos filhos de um individuo com o mesmo nome do segundo.

Aqui termino a minha critica, que me sahio mais extensa do que eu a principio imaginára; mas fui escrevendo á medida do apparecimento dos factos. Ainda assim, podia extendê-la muito mais.

Da análise feita resulta que dos textos das inscripções dadas por ineditas poucas estão exactos; e que, com relação aos commentarios, estes estão a cada passo falhos de boa critica, e salpicados já de inscripções falsas, já de inscripções mal transcriptas. Por tanto o trabalho do Sr. Bellino tem pouca utilidade, e ninguém poderá acceitar sem exame os factos contidos nelle. A unica utilidade estaria nas inscripções que constituem o assumpto principal do livro; mas estas, como se disse a cima, já haviam sido publicadas na *Revista de Guimarães*, e por isso tornadas do dominio dos estudiosos.

J. L. DE V.

Inscripção romana de Moncorvo

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, n.º 6290, publicou o Sr. Dr. E. Hübner com alguma dâvida a seguinte inscripção:

REBVERRVS¹
ARI · SEVRV
S · DNARELI
A · AN LXII

De uma photographia que da lapide me enviou o Sr. P.^o Adriano Guerra, de Moncorvo, vê-se que o texto publicado no *Corpus* está exacto.

A lapide existe no Felgar (Moncorvo).

A leitura da inscripção offerece bastante difficuldade.

¹ No *Corpus* sahio por engano RERVRRVS.

Reburus é nome muito frequente nas inscrições de Portugal e Hespanha; quanto a elle não ha dúvida. O segundo nome é com certeza um genetivo; o respectivo nominativo é *Arius*, que não apparece nas inscrições peninsulares, mas se conhece de outras fontes, vid. por ex. De Vit, *Onomasticon*, s. v. O terceiro nome parece estar incorrecto: será SEV(E)RVS, tendo-se por descuido omitido o E¹,



ou será SERVVS, com transposição de letras? A maior difficuldade está, porém, na quarta palavra, *Dnareli*. Inclino-me a crer que temos aqui um nome barbaro, que indicava patria ou residencia. Mas será uma palavra só, ou serão duas, sendo a primeira D, que indicasse *domo*, como em *M. Antonius*, *M. f(ilius)*, *Januarius*, *domo Laudicia*?²

J. L. DE V.

¹ Depois de feita esta observação, reparo que o Sr. Hübner no Índice do *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1092, põe já *Ser(e)rus* + *Dnareli*.

² Apud Cagnat, *Cours d'épigraphie*, 2.^a ed., pag. 63.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

7. Alandroal (Alentejo)

Vestigios da povoação antiga (certamente romana) nos Villares. — Inscriptões portuguezas do Alandroal. — Lendas litterarias a respeito do Endovélico; restos do templo d'este deus no monte de S. Miguel da Mota. — A Senhora da Boa-Nova. — Outras inscripções portuguezas. — A fonte do Alandroal. — Algarves e inscripções portuguezas. — Jazigos metallíferos. — «Castello» de Milreu. — Castello Velho.

a) « . . . só se conserva a tradição certa de ter sido a sua fundação (*Alandroal*) em o sitio onde hoje chamão os Villares, que fica ao poente da Villa que existe, e della distante hum tiro de mosquete, mas a que então foy urbana habitação, não passa hoje de rustica lavoura, em que ao tempo da cultura se tem encontrado materias, que segurão ter ali havido populoza povoação, porque não só se tem achado pedras lauradas nas telhões da groçura de tres dedos que só então hoje assim se não fabricão; e haverá trinta annos cavando-se acharam hum badallo de hum sino, e logo depoes se acharão hums dinheiros desconhecidos, sem letras, e no mesmo tempo com pouca differença achou em huma tapada sua Francisco de Freytas, como elle ainda hoje assevera, hum moeda de prata do tamanho de hum tostão da nossa moeda na qual estava estampada hum figura laurada (*sic*) com hum letreiro na circumferencia em que se lia — Divus Augustus Caesar — e do outro lado estava a estampa de outra figura, porem sem letreiro, permissas estas que segurão a consequencia da sua inimita antiguidade». (Tomo I, fl. 439).

b) Transcrevemos em seguida as inscripções existentes no castello de Alandroal da epocha portuguesa, já publicados no *Diccionario* do P.^o Cardoso, t. 111.

- | | |
|-----|--|
| I. | DEOS HE, E DEOS SERÁ
POR QUEM ELLE FOR
ESSE VENCERÁ |
| II. | ERA DE 1332 AOS 6 DIAS DE FEUEREIRO
COMEÇARÃO A FAZER ESTE CASTELLO POR
MANDADO DO MESTRE DE AVIZ D. LOU-
RENÇO AFFONÇO, E ELLE POS A PRIMEIRA
PEDRA. M. E. E. 6. 3. E. CASTELLO
MOURO ME FEZ |

¹ Mestre?

III.

MOURO ME FEZ

- IV. ERA DE 1336 A 25 DIAS ANDADOS DE FEVEREIRO
FEZ ESTE CASTELLO D. LOURENÇO AFFONCO MESTRE
DE AVIZ A HONRA E SERVIÇO DE DEOS E DE SANTA
MARIA SUA MADRE E DAS ORDENS DO M.^{to} NOBRE
SENHOR D. DENIZ REY DE PORTUGAL E DO ALGARVE
REYNANTE EM AQUELLE TEMPO E EM DEFENDI-
MENTO DOS SEUS REYNOS.

SALVATOR MUNDI SALVA ME

- V. QUANDO QUIZERES FAZER ALGUMA COUZA
CATA O QUE TE HE NECESSARIO E DEPOES VERÁS
QUEM DE TI SE FIAR NÃO O ENGANES
LEALDADE EM TODAS AS COUZAS.

(Tomo 1, ff. 440).

c) «A ermida de S. Miguel¹ fica distante huma legoa desta villa em cima de hum elevado monte. He esta Ermida antiquissima, porque foy fundada por Maarbal² ao Deos Copido com o titulo de Endovelico nos annos de 340 antes da vinda de Christo. Era este simulacro de prata mueço com hum coração na boca, e azas nos pes asestião, a este simulacro em apoentos que tinham ao pé humas sacerdotizas a que chamavão Flaminas.

No mesmo monte onde está esta Ermida, e era aquelle templo de Copido Endovellico havião varias Antas que he o mesmo que Aras (*sic*) onde se fazião os sacrificios e nellas ao mesmo Copido sacrificauão hum cordeiro branco.

Por esta cauza (*por ter cahido fazendo-se pedaços quando o nascimento de J. Christo*) fizerão segundo simulacro ou Idollo de fino marmore, cujo templo sendo ao deposes possuido pellos Christãos na ley da graça e purificação e dedicarão a S. Miguel, e por occasião das obras, que para isso fizerão, meterão o Idollo por ser obra excellente dentro da parede da Igreja, onde foy achado quando se abriu huma porta que vay para a caza do Ermitão, e os rapazes o quebrarão fazendo-o em

¹ Cfr. *O Archeologo Português*, 1, 153-154.

² O que diz da fundação do templo do Endovellico por Maarbal e da identificação do Endovellico com Copido não passa de invenção dos eruditos.

pedaços; e também se acharão algumas pedras de marmore fino e em huma dellas estava escripto—C. Jullio Novato cumprio o votto¹. O Prior Bento Ferrão Castelbranco transcreve aqui a inscripção latina, que é o numero 134 do *Corpus*, depois acrescenta: «Estas pedras mandou o Sr. (sic) Theodozio, Duque de Bargaça, levar para Villa Viçosa e por no Portico de S. Agostinho onde se podem ver²». (Tomo 1, fl. 447).

Permitta-se-me uma interrupção. No cod. 1696 dos manuscritos da Torre do Tombo a fl. 123 está um caderno in-4.º de 7 folhas innumeradas sobre si com o seguinte titulo: *Cópia de cinco pedras que numa parede por baixo de hum arco do lado da Epistola da Igreja dos Agostinhos de Villa Viçosa se achão enxeridas. As quaes ainda que lhe faltão alguns pedaços das molduras e (tem) algumas letras hum pouco gastas contudo se conservão em bom estado e legiveis até ao presente. 1777.* No verso d'esta primeira folha está escripto: *Por Francisco Antonio Ferreira de Sousa.* Seguem depois as cinco inscripções em latim dentro de uma moldura a *lapis* parecendo representar as pedras mesmo onde ellas estão falhadas. São todas conhecidas e tomam no já mencionado *Corpus* do Sr. Hübner os numeros 130, 131, 136, 138, 142. Apenas o n.º 131 está modificado quanto á disposição material das palavras, existindo dispostas com maior elegancia no grande trabalho do sabio allemão.

d) Continuando o auctor a enumerar as ermidas do termo, ultrapassa-o, entrando no Termo de Terena. «Estas são as Ermidas que

¹ [Como nota o sr. Azevedo, a attribuição da fundação de templo de Endovellico aos Carthaginienses, e a identificação do deus com Cupido não tem valor nenhum; todavia o que a noticia contém a respeito do achado de idolos e aras é em parte certo, em parte precisa de explicação. N-*O Arch. Port.*, 1, 43-46, fallou-se já de Endovellico e das suas relações com o archanjo S. Miguel; no mesmo tempo publicou-se um monumento analogo a uma ara. Na Bibliotheca Nacional existem diversas aras, providas do local do templo pagão. Neste local appareceram varias estatuas e estatuetas de marmore, que todas ou quasi todas, constituem ex-votos; muitas d'ellas estão também na Bibliotheca Nacional; é a uma d'estas estatuas ou estatuetas que o auctor chama *idolo*. Do «idolo de prata» é que nada posso dizer ao certo; mas não era impossivel que tivesse apparecido também um ex-voto d'aquelle metal. — J. L. de V.]

² A ermida de S. Miguel, assim como todas as outras ermidas e egrejas existentes no antigo termo, pertenciam á Ordem de Avis; em 1758, data da memoria, já se não conhecia a quem pertencesse a nomeação de ermitão, pois o prior do Mandroal diz não ter padroeiro. Espero brevemente apresentar um estudo sobre a capella, a fim de determinar a epocha approximada da sua fundação.

ha no campo e termo d'esta villa, porem, alem d'estas, ha huma fora do termo, e no termo de Terena, a de N. S.^{ra} da Boa Nova que he da ordem anexa ou filial da matriz d'esta mesma villa, a qual antigamente tinha a vocação de S.^{ra} da Assumpção como consta da vezita que no anno de 1587 por comissão de El Rey Fellyppe 2.^o fez D. Sebastião Bispo de Targa. Da parte da vizitação transcripta na relação parochial consta pertencer a Ermida de N. S. da Assumpção á Ordem de Aviz. «E esta Ermida foy no tempo dos Romanos Templo do Deos Juppiter Endovelico a quem com grande culto venerava aquella cega gentillidade¹». (Tomo I, fl. 449).

Inscrição existente na antiga egreja da Mixericordia, em 1758, consistorio:

AQUI JAZ JORZE DE MELLO PEREIRA FILHO DE DUARTE DE MELLO DO CONSELHO DE EL REY NOSSO SENHOR ALCAYDE MOR QUE FOY DE CASTELLO DE VIDE E D. GUIOMAR CABRAL FALECEO EM SINCO DE JUNHO DE 1549.

(Tomo I, fl. 449.)

Na ermida da Senhora da Consolação está o seguinte letreiro:

AQUI JAZ DIOGO LOPEZ DE SIQUEIRA DO CONCELHO DE EL REY NOSSO S.^{ra} E SEU ALMOTACÉ MOR E CAPITTÃO MÔR QUE FOY DA INDIA FILHO DE LOPO VÁZ DE SIQUEIRA, E DE D. CECILIA DE MENEZES FALECEO DE SESENTA E QUATRO ANNOS NA ERA DE 1530 ANNOS AOS 14 DIAS DO MEZ DE OUTUBRO.

«..... nobelissima fonte que tem na parte mais inferior da Praça della, com a formalidade quadrada, em cima do frontespicio tem as Armas reaes desta Monarquia entre dous meyes corpos de duas figuras laureadas cada huma com seu distico na que fica da parte direita se le:

HIC MARIS ORA DEUS PANDIT REGNATOR AQUARUM.
TANTALIA UT FUGIAT PECTORAE DIRA SITIS.

¹ [Deu lugar a tal supposição o haver nesta Igreja duas inscrições de Endovellico, que foram sem dâvida trazidas do vizinho monte de S. Miguel, onde era o templo do deus pagão. — A cerca do templo e culto da Senhora da Boa Nova vide um artigo do sr. Gabriel Pereira in *Revista Archeologica*, III, 148-149. — J. L. de V.]

Na da parte esquerda se lê:

HUC LACHIMAT THETIS: UT FLORAS SITIBUNDE VIATOR
ILLA UT TU RIDEAS, BIBE, LUGIT AMANS.

(Tombo 1, fl. 452).

«Há fora da villa na parte mais superior d'ella, em distancia de duzentos passos, dous foyos a que chamão Algarcs, com fundura grande para o interior e centro da terra, nos quaes ha tanta agoa que parecesse ser abysmo como admittio Aristoteles, porquanto no algar a que chamão de S. Antonio, desde a aura superficial da terra athe a superficie da agoa que esta no centro vão sem palmos de craueyra e da superficie da agoa ao fundo vão cento e sesenta e cinco palmos, tudo de agoa, e se attribue que deste Algar se communicão as agoas a muitas villas vezinhas; este Algar se mandou tapar no tempo em que era Juiz de fora o Doutor Francisco Moniz de Lacerda como se ve e le em o Padrão que se poz naquelle sitio ao tempo que se tapou que diz assim:

NESTE SITIO HA HUM ALGAR M.^{to} ACOMMODADO P.^a MALEFICIOS QUE TINHA CEM PALMOS EM ALTURA ATHE A SUPERFICIE DE HUMA CONCAVIDADE DE AGOA COM PROFUNDEZA DE 165 PALMOS COM COMMONICAÇÃO P.^a M.^{tas} VILLAS DESTA PROVINCIA, O QUE PELLLOS BENS DESTE CONSELHO MANDOU TAPAR O D.^{mo} FRAN.^{co} MONIZ DE LACERDA SENDO JUIZ DE FORA DESTA VILLA ATENDENDO AO SERVIÇO DE DEOS E DE EL REY NA ERA DE 1723 A 10 DE MAYO.

Outro Algar chamado das Morenas, tambem tem cem palmos athe a agoa e de agoa tem secenta e cinco palmos, o que declara o letreyro que está em outro Padrão ao pé que diz:

NESTE SITIO HAVIA HUM ALGAR M.^{to} ACOMMODADO P.^a MALEFICIOS CHAMADO DAS MORENAS POR SE HAVEREM NO MESMO FUNDIDO HUMAS CAZAS DE HUMAS MOLHERES POR TRADIÇÃO ASIM CHAMADAS QUE TINHA CEM PALMOS DE ALTURA ATHE A SUPERFICIE DE HUMA CONCAVIDADE DE AGOA QUE TINHA EM PROFUNDEZA CESSENTA E SINCO PALMOS QUE PELLLOS BENS DESTE CONCELHO MANDOU FAZER O D.^{mo}

FRANCISCO DE MONIZ DE LACERDA SENDO JUIZ DE FORA DESTA VILLA ATENDENDO AO SERVIÇO DE DEOS E DE EL REY NA ERA DE 1723 A 10 DE MAYO.

(Tomo I, f. 454.)

«No campo d'esta Villa ha ouro e de facto no tempo do Reynado do Sr. Rey D. Pedro o Segundo etc. mandou este que se extrahisse ouro, e para esta deligencia com ordem sua veyo Jozé de Souza Leytão, cappitão de Dragões, o qual fez minarar em o sitio que chamão a Granja, e he deffeza dos Rellegiozos de S. Bento, onde com effeito trabalharão e tirarão ouro, o que inda hoje demonstrão muitas concavidades que ha naquelle sitio assim na serra Nevada como na campanha raze; e no mesmo sitio ha hum outeiro furado de parte a parte, a que, com memoria do que então se minaron, inda hoje se chama o Outeiro das Minas, mas este trabalho que então foy diavello. . . . Na mesma Granja ha em o sitio da Fonte Carepa huma mina de Almagre. . . . » (Tomo I, fl. 457; vid. *O Archeologo Português*, I, 153, n.º 10.)

«Na herdade dos Botelhos, distante d'esta villa tres quartos de legoa, se tirou no tempo do sr. Rey D. Pedro o 2.º cobre. . . . »¹

No sitio da herdade das Ferrarias distante huma legoa ha sobre a terra muitas pedras com parecências de escumalho de ferreiro inferem os moradores, e he tradição, que ali houve mina de ferro. . . . »

«Em o sitio da Herdade de Milreo, distante tres legoas, houve antigamente hum castello, talvez do tempo dos Mouros, que cahia sobre o Guadiana, o qual se acha hoje totalmente arruinado, e nam tem mais que os aliceces, e dentro leva quatro alqueyres de sementeira quando o laurão e semeão.

No sitio onde chamão Castello Velho² que esta sobre a ribeyra de Lucafece houve hum Castello de que hoje não ha mais que ruínas e não tem mais de estabilidade que os aliceces». (Tomo I, fl. 458.) No sitio chamado o Castello Velho por onde passa a ribeira ha huma concavidade grande feyta pella natureza que paresse edificio». (Tomo I, fol. 459³.)

PEDRO A. DE AZEVEDO.

¹ Cfr. *O Archeologo Português*, I, 154.

² Cfr. *O Archeologo Português*, I, 154 e 212.

³ É certamente a Casa da Moira, de que se falla n-*O Archeologo Português*, I, 213.

Acquisições do Museu Ethnographico Português

28. Em Outubro de 1895 entraram no Museu os seguintes objectos prehistoricos:

- a) um percutor espherico de granito;
- b) outro, ellipsoidal, de granito;
- c) tres pedras de granito, que pareço terem tambem servido de percutores;
- d) dois objectos de leptinite, arredondados, com um sulco circular;
- e) outro da mesma natureza, mas sem sulco circular;
- f) uma ponta de lança de calcedonia, finamente dentada;
- g) um pequeno machado, muito polido, de pedra;
- h) uma faca de silex, e um fragmento de outra;
- i) um fragmento de leptinite esculpturado;
- j) um pequeno instrumento de pedra, com um gume;
- k) uma figura de leptinite, que representa de um lado um busto de mulher, e do outro um focinho de animal;
- l) outra figura, da mesma substancia, que representa em cada extremo uma cabeça de animal;
- m) outra figura, da mesma substancia, que representa um animal, ao que parece, um gato;
- n) outra figura, da mesma substancia, que representa quatro cabeças.

Todos estes objectos appareceram em antas do concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar. Os mencionados nos §§ c, e, i, j, k, foram offerecidos ao Museu pelo Sr. P.^a Raphael Rodrigues, como se diz n-*O Arch. Port.*, II, pag. 1. Os mencionados nos §§ d, l, m, n, foram offerecidos pelo mesmo Sr., por intermedio de S. Ex.^a o Sr. Conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, Ministro da Justiça, como se diz *ibidem*, pag. 2. Os restantes objectos foram encontrados na occasião em que visitei a necropole de Carrazedo, em Setembro de 1895.

29. Em Outubro de 1895 recolhen-se no Museu um péso romano de barro, encontrado nos arredores da cidade de Tomar.

30. Em Outubro de 1895 entraram os seguintes objectos:

- a) uma chave romana (*clavis*) de metal amarello;
- b) dois fragmentos de pésos romanos de barro;
- c) um prumo de chumbo, de epocha indeterminada;
- d) o fragmento de um machado de diorite (neolithico);
- e) um machado de diorite (neolithico);

f) um escopro de cobre ou bronze, de epocha indeterminada;

g) uma ponta de lança de ferro (*cuspis*);

h) o braço de uma tenaz (*forceps*).

Os objectos mencionados nos §§ *a, b, c, d*, foram encontrados ao pé da Rominha (Alvaiazere), onde houve uma estação romana, demonstrada pelo apparecimento de muitos outros objectos (fragmentos de tegulas, um camaphou, etc.), além dos mencionados. O machado mencionado no § *e* appareceu ao pé de Cabaços (Alvaiazere). O escopro mencionado no § *f* appareceu no sítio das Carrasqueiras (Alvaiazere). Os objectos mencionados nos §§ *g, h*, appareceram no monte do Castro (Ferreira-do-Zezere), e são muito provavelmente romanos.

Todos estes objectos se obtiveram para o Museu por intermedio do Sr. José Maria Pereira, de Dornes (Ferreira-do-Zezere), que com todo o desvelo e actividade pesquisa as antiguidades de Alvaiazere e de Ferreira-do-Zezere, e que, por occasião da visita que, em Setembro de 1895, o Sr. Maximiano Apollinario e eu fizemos a esses sitios, nos prestou muito bons serviços, já acolhendo-nos patriarchalmente em sua casa, já facilitando-nos várias excursões e investigações archeologicas.

J. L. DE V.

Salacia

Continuam os achados archeologicos na villa de Alcacer-do-Sal, e eu vou dando noticia d'elles, no proposito de lhes *reconquistar* a honrosa procedencia, cujo nome serve de epigraphe a esta noticia.

Haverá quem admire a minha pertinacia, não duvido.

Se muitos individuos ha que levam tempo infinito em profundas investigações, afim de apurarem ou reconstituirem a genealogia da sua familia, não admira que se gaste tambem tempo a reconstituir a *genealogia* de um povo — a historia de uma localidade.

A cem metros, pouco mais ou menos, ao Norte do sitio onde em 1876 foi descoberta a necropole pre-romana, proximo da igreja da Senhora dos Martyres, ao proceder-se á plantação de uma vinha, e em propriedade do Ex.^{ma} Sr. Faria Gentil, appareceram muitos objectos da epocha romana, que mui succintamente vou indicar:

— um asse;

— um pequeno anel de ouro;

— uma urna cineraria do feitio de uma pia, de pedra broeira, tendo a tampa, num dos lados, dois pequenos orifícios;

— tres lucernas simples, sendo duas com dois buracos — para deitar o azeite e para a torcida —, e a outra, do feitio de uma tijel-linha, com o competente bico para a torcida;

— outra lucerna, com figuras em relêvo, estando esta partida em muitos pedaços;

— cinco vasos de vidro, dos chamados lacrimatorios (unguentarios), sendo um de bojo largo e outros de bojo estreito, e tendo estes o gargalo mais comprido do que aquelles;

— duas tijellas de barro, tendo asas uma d'ellas;

— um pedaço de barro chamado saguntino, com a seguinte marca

S · M · N

— nove urnas de diferentes tamanhos, da fórma das nossas panel-las de barro, tendo umas asas e outras não.

A maior d'estas panellas mede de altura 0^m,25 e 0^m,76 no bojo, e a mais pequena 0^m,07 de altura e 0,32 no bojo;

— tres pedaços de marmore de monumentos, vendo-se num d'elles parte de uma inscripção, tal como se segue:

Σ · ΑΡΡΥΛΕ
ΤΡΙΑΜΥΣ

Os dois pedaços, bem mais pequenos do que aquelles, poucas letras contém.

•

O proprietario referido, Sr. Gentil, que é um distincto filho d'esta terra, e muito devotado ao seu engrandecimento, da melhor vontade permittiu que os objectos ficassem no Museu Municipal, que, com estas e outras offertas, dignas dos maiores encomios, se vae successivamente engrandecendo.

JOAQUIM CORREIA BAPTISTA.

Errata

No numero anterior, pags. 70 e sqqs., onde se lê *Granja do Oliveira*, deve ler-se *Granja do Olmeiro*.

A. SANTOS ROCHA.



EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adelantado)

Anno	15500 réis.
Semestre	750
Numero avulso.....	160

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cerca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.